

**MEMÓRIA MÉDICA
DO
PARANÁ**

ACADEMIA PARANAENSE DE MEDICINA

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA

MEMÓRIA MÉDICA DO PARANÁ

**(História da Medicina da Lapa, de
Paranaguá, Ponta Grossa e Rio Negro)**

Organizador:

Prof. Dr. João Gualberto de Sá Scheffer

**Curitiba
1993**

Memória Médica do Paraná: história da medicina da
Lapa, de Paranaguá, Ponta Grossa e Rio Negro /
organizador: João Gualberto de Sá Scheffer. -
Curitiba: Academia Paranaense de Medicina: Fun-
dação Santos Lima, 1993.
136 p.

Inclui bibliografia

1. Medicina - História - Paraná 2. Medicina -
Coletânea I. Scheffer, João Gualberto de Sá

CDU 61 (81)

CDD 610.8

ISBN 85-85525-02-9

Essa obra é dedicada ao
Prof. Dr. Rosala Garzuze.

Homenagem a esse gigante na
simplicidade, no trabalho
anônimo em favor da união de
sentimentos, na ternura da voz
que ensina, acolhendo a todos
que procuram a luz de seu
conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A Academia Paranaense de Medicina
cumpre o honroso dever de
assinalar seu agradecimento ao
Bamerindus Seguros que com seu
inestimável apoio, permitiu
concretização desta obra, que tem
objetivo de reverenciar a memória
médica do Paraná.

AUTORES

Prof. Dr. Eduardo Corrêa Lima

Prof. Dr. Iseu Affonso da Costa

Prof. Dr. Luiz Fernando Beltrão

Prof. Dr. Gastão Pereira da Cunha

Trabalho datilográfico executado por Nazaré Carneiro Schmidt.

APRESENTAÇÃO

A Academia Paranaense de Medicina sente-se orgulhosa em poder oferecer à classe médica e aos apreciadores de manifestações de cultura e história, essa publicação resultante de trabalhos de confrades Acadêmicos.

O conteúdo desta obra teve por objetivo o enriquecimento da Memória Médica do Paraná.

João Gualberto de Sá Scheffer

Presidente

Gestão - 91-93

A Academia Paranaense de Medicina, entidade fundada em 17 de outubro de 1978 apresenta entre seus objetivos o culto e o estudo da história da Medicina.

E assim sendo, repito as palavras proferidas pelo primeiro Presidente da Academia Paranaense de Medicina Prof. Orlando de Oliveira Mello, quando da sessão solene de sua instalação em 22 de junho de 1979 no auditório da UFPR, referindo-se aos seus objetivos.

" O culto aos valores do pretérito e o elogio daqueles que se foram, deixando rastros luminosos de proceder ou de sabedoria, de extrema dedicação ao próximo de capacidade de ensinar e pesquisar será um dos seus mais destacados objetivos. Todos os médicos que, na porção desse solo pátrio, porfiaram pelo bem de seu semelhante, na fidelidade ao juramento hipocrático, serão cultuados na medida do possível, para que as gerações vindouras, conheçam melhor a história dos que cuidaram da saúde dos antigos moradores destas plagas brasileiras".

A Academia não pode nem deve ser considerada uma escola, apenas para se instruir, mas sim, como era entendida desde sua origem, como uma sociedade uma comunidade de pesquisadores para discussão de todos os assuntos abordados pelo filósofo Platão e seus discípulos: da geometria à sociedade, dos cultos às artes, tendo por objetivo o progresso da Ciência, da Filosofia, da Matemática, da Física, da Astronomia, da Medicina e Política em geral.

É sabido que o significado primeiro do termo Academia foi de natureza topográfica. Dizia respeito a um local tranquilo pertencente a Akademos, natural de Atica e localizado próximo a Atenas.

Extinta a crença no passado o ser humano subjugou-se cada vez mais a dúvida ao materialismo e

ao incêndio avassalador das paixões animais, descendo ao plano dos animais inferiores.

O homem se deteve, anulando o facho resplandesciente da espiritualidade, não mais se preocupando com a cultura e o estudo que o exaltaram, dignificaram e enobreceram no transcurso dos séculos.

Permitiu que nomes tutelares fossem esquecidos e deixou-se encantar por sensacionalismo e eventos ridículos em uma total inversão de valores.

Vivemos um período de exageros consumistas e total permissividade.

Há necessidade de cultivar os frutos da inteligência, os predicados do coração e assim enriquecermos nossa vida.

Após um período de ostracismo que durou séculos voltaram as Academias a ser um ponto de encontro de homens de ciência, para discutir seus assuntos, entender e acompanhar os progressos ocorridos.

A mais antiga dessas sociedades nasceu em Nápoles com o nome de "Academia Secretorum Naturae" antes de 1580.

Em Roma fundou-se a Academia dei Lincei, a qual pertenceu Galileu e em Florença a Academia del Cimento em 1657, todas em reflexo da renascença italiana.

A Royal Society of London criada ao redor de 1645 foi a primeira Academia Científica europeia setentrional.

Eram sociedades destinadas a reunir pessoas sérias e curiosas da filosofia da cultura e do saber humano.

No Brasil a Academia Nacional de Medicina foi fundada como Sociedade em 1829 tendo passado para Academia Imperial em 1831 e no fim do século XIX passou a Academia Brasileira de Medicina.

A Academia Paranaense de Medicina é fruto da ação de médicos que procuram evocar a história da medicina, como pareceu a Vieira "testemunho do passado, exemplo e aviso do presente, advertência ao futuro". Pretende preservar a História da Medicina Paranaense, manter-lhe os valores culturais e éticos acompanhando a evolução científica.

A ética, a cultura, a ciência, a aplicação profissional e a produção intelectual são as vigas de sustentação da Academia.

A produção intelectual, vai ter ressonância na comunidade, estabelecendo o elo de nosso compromisso social.

Esta obra resultado do trabalho de Acadêmicos deste sodalício, não restringiu-se apenas a citar fatos frios de nossos antepassados, que foram numerosos e seguramente importantes, mas para projetar na tela panorâmica uma visão retrospectiva dos vultos da medicina paranaense, que souberam honrar e engrandecer a sua profissão, vivendo seus dramas e suas vitórias, com conduta digna e irretocável dentro dos princípios hipocráticos.

Ser acadêmico é ter a consciência tranquila no cumprimento de nossos deveres e de nossa missão. É haver alegremente oferecido nosso lazer a horas de

vigília, de estudo e trabalho. É participar dos fatos da história médica de ontem e de hoje, mantendo viva a chama de nossos ideais.

E foi assim pensando, que a Academia Paranaense de Medicina houve por bem resgatar a memória médica do Paraná.

Tive a felicidade como Presidente deste sodalício em ser o agente catalisador, que encontrou substrato fértil entre os confrades da Academia Paranaense de Medicina.

A Memória Médica teve suas origens em quatro regiões do Paraná: Lapa, Paranaguá, Ponta Grossa e Rio Negro.

LAPA

21 de setembro 1991 Teatro São João.

Esse foi o local escolhido para a apresentação da primeira etapa desse trabalho.

Noite de gala e festa para a legendária Lapa em ver reunido neste gracioso teatro de cultura e tradição, os mais dignos representantes da generosa sociedade lapeana.

Teatro lotado e lá estava para apresentar seu trabalho o lapeano, Acadêmico Eduardo Corrêa Lima, que ponde superar os motivos de ordem afetiva e redigir uma peça digna de seu conhecimento, da afeição e do

saber. Mais do que a eloquência da palavra teve a eloquência da saudade, emoldurando a memória daqueles que eram retratados e que tiveram um ideal na vida.

Foi um estudo sucinto e brilhante no qual caminham juntos o ordenamento lúcido, a precisão dos fatos, a clareza da exposição, o apuro da linguagem, tudo concorrendo para tornar o trabalho altamente valioso.

Foi uma honra para a Academia ter iniciado seu trabalho na Lapa, pois lá estava a frente da Prefeitura Municipal, Sérgio Leone, um homem que abriu todas as possibilidades para tal encontro no Teatro São João, e que com sua presença trouxe mais brilho à reunião. Um homem voltado para a história e cultura paranaense.

Entre outras tantas autoridades presentes, civis e militares cabe ressaltar o Prof. Carlos Alberto Faraco, Magnífico Reitor da UFPR, o Presidente do Conselho Regional de Medicina Dr. Wadir Rupollo e o Acadêmico e Presidente do Tribunal de Contas o Dr. João Cândido da Cunha Pereira, neto de um dos mais ilustres lapeanos, reverenciado no trabalho de Eduardo Corrêa Lima.

O Acadêmico Gastão Pereira da Cunha apresenta nessa obra um esboço biográfico daqueles médicos que elevaram o nome da profissão médica em Rio Negro no sul do Paraná, ressaltando os médicos do passado, e a ampla afetividade no relacionamento com o doente.

Isto nos permite citar Mario Rigato, quando diz: "Quem ouvia a história de um doente de um século atrás era o seu médico. Quem examinava depois da história contada, era o seu médico. Quem fazia as

investigações complementares ainda que simples, tal como o primitivo exame de urina, era o seu médico. Quem prescrevia a medicação ainda que ineficaz era o seu médico. E quem passava a vir vê-lo, dia após dia, noite após noite, até que o alívio ou a morte chegassem era o seu médico.

Seria de surpreender que se criasse entre esse médico e este paciente uma notável relação com grandes, amplas e sólidas afetividades? ".

PARANAGUÁ

24 de abril de 1992 - Associação Comercial Industrial e Agrícola do Paranaguá. Nesta data Paranaguá teve a oportunidade de assistir no auditório da ACIAP, gentilmente cedido pelo seu Presidente José Luiz Boabaid, o magnífico trabalho realizado pelo Acadêmico Iseu Affonso da Costa com o apoio do Acadêmico Alberto Accioly Veiga.

Iseu Affonso da Costa analisou de forma muito clara como foi o início da Medicina em Paranaguá, enfocando também a importância da primeira Santa Casa de nosso Estado para o desenvolvimento da nobre arte.

Mostrou as dificuldades dos primeiros médicos que lá trabalharam. Era uma grandiosa e sacrificada vivência profissional, jogando dentro de si próprio uma computação de cada caso e de todas as suas complicações. Isso era conseguido através do desenvolvimento de um raciocínio lógico e bem estruturado que vai buscar nos trabalhos

especializados, para poder resolver satisfatoriamente os problemas do angustiado, mas esperançado doente que o aguarda. E o faz de maneira tranquila porque estudou. Esta é a verdadeira medicina. E não é por mera adjetivação que é chamada da mais nobre das profissões.

Da mesma forma que na Lapa a Academia Paranaense de Medicina contou com o apoio da Prefeitura Municipal na pessoa do Prefeito José Vicente Elias, sendo que a reunião contou com a presença de inúmeras autoridades e médicos de Paranaguá e entre elas cito o Dr. Wadir Rupollo do CRM, o Dr. Bruno Grillo primeiro Vice da Associação Médica do Paraná, o Dr. Mário Sérgio Cerci Diretor do Setor de Ciências da Saúde da UFPR representando o Magnífico Reitor Prof. Carlos Alberto Faraco, e o Dr. Alberto A. Veiga representando o Magnífico Reitor da P.U.C. Prof. Euro Brandão.

PONTA GROSSA

13 de novembro de 1992 - Auditório da Prefeitura Municipal.

E o sonho se fez realidade.

Chegamos aos Campos Gerais cumprido a terceira e derradeira etapa da memória médica do Paraná.

Lá também contou a Academia com o apoio da Prefeitura Municipal na pessoa do prefeito Pedro Wosgrau Filho.

Entre as autoridades presentes e que trouxeram maior brilho a reunião destacavam-se os Magníficos Reitores da UFPr. e de Ponta Grossa, Professores Carlos Alberto Faraco e João Carlos Gomes. O Dr. Wadir Rupollo presidente do Conselho Regional de Medicina, além de autoridades locais e inúmeros familiares dos reverenciados que se fizeram presentes. Luiz Fernando Beltrão foi quem transportou-nos nas asas do tempo e recuou permitindo-nos a vivência do passado, onde labutaram tantos médicos capazes, puros, virtuosos e bons.

Luiz Fernando Beltrão Acadêmico ilustre que recebeu de seu pai Haroldo Beltrão patrono da Cadeira número 20 da Academia Paranaense de Medicina, lições de dignidade, humildade e amor ao próximo.

Luiz Fernando Beltrão o conferencista, que viveu parte de sua vida em Ponta Grossa, fez um retrospecto dos médicos dos Campos Gerais de uma forma brilhante enriquecida com farto documentário visual.

Lembrou que os médicos Pontagrossenses sempre mereceram respeito e consideração citando fatos concretos.

Ponderou que a figura do médico não só era valorizada e respeitada, como adorada e querida. Era um prestígio conquistado pelo trabalho, dedicação e respeito ao doente.

Cabe então uma pergunta:

Por que essa transfiguração que abala os alicerces de nossa vida profissional com inquietante turbulência e crise de valores éticos.

De onde provinha o inesgotável e extraordinário prestígio do médico do passado, já que não eram capazes de curar quase nada?

Falta hoje afetividade e calor humano que era uma das características dos nossos antepassados.

E Luiz Fernando Beltrão soube destacar com muita propriedade essa característica do médico do passado.

E ao apresentar esta obra lembro as palavras de José Engenheiros "Em toda luta por um ideal se tropeça com adversários, o homem firme não ouve nem detem a contá-los, segue a sua rota, irredutível em sua fé, impertubável em sua ação, porque quem marcha em direção a luz não pode ver o que ocorre na sombra".

É oportuno um preito de justiça e reconhecimento a todos Acadêmicos que possibilitaram a edificação dessa obra, transmitindo seu saber, sua experiência, dignificando a Academia Paranaense de Medicina e deixando marcada para a posteridade a lembrança de nossos antepassados.

João Gualberto de Sá Scheffer

A MEMÓRIA MÉDICA DA LAPA

EDUARDO CORRÊA LIMA

Os povos que olvidam as tradições, perdem a consciência de seu próprio destino, pois tudo o que somos vem do passado e não há instituição que sobreviva intacta sem o respeito às suas origens, sem a capacidade de saber reverenciar seus grandes homens, seus heróis, seus patriarcas.

Vamos, pois, recuar no tempo, dando um salto a um passado remoto e assistir o povoamento dos campos da Lapa e a formação de seu núcleo comunitário que deu-se em pleno ciclo pastoril da história sócio-econômica do Paraná. Era a pousada dos tropeiros que por aqui passavam de Viamão a Sorocaba. Assim foi aproximadamente até 1730 (Mil setecentos e trinta), quando, como pioneiros povoadores, ali chegaram João Pereira Braga e sua esposa D. Josefa Gonçalves da Silva, ele natural da cidade de Braga e ela do Principado do Porto - Portugal.

Não tardou, também, que oriundo do Rio Grande, ali ficassem Francisco Pacheco de Miranda e sua esposa Christina da Costa Miranda naturais de Coura - Portugal, aumentando a população daquele incipiente povoado que crescia com a chegada de novas e pioneiras famílias.

Um de seus 2 filhos - José dos Santos Pacheco Lima, natural de Ponte de Lima - Portugal, contraiu matrimônio com Maria Pereira da Silva Pacheco filha de João Pereira Braga, em 1753, formando o tronco da família Pacheco dos Santos Lima.

Depois vieram os Teixeira Coelho, os Corrêa, os Amaral, os Ferreira, os Westphalem, os Calderari, os Wirmond, os Suplicy, os Braga, os Lacerda, os Montenegro, os Borges, os Saboia, os Cortes, os Vidal, os Magalhães, os Guimarães, os Carneiro, os Baggio, os Cavalin, os Favaro, os Abage, os Mansur, os Gebram, os Pazinato, os Moskalewski, os Arachewski, nomes entrelaçados a tornarem realidade o sonho dos pioneiros.

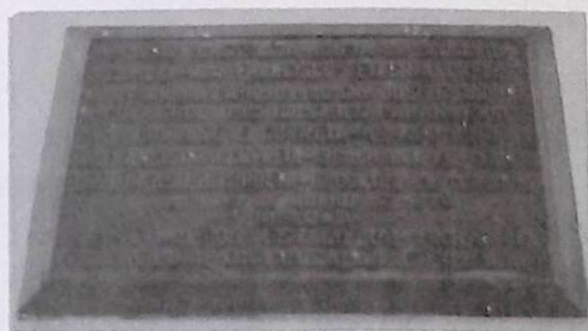
Iniciemos esta viagem de lembranças, com Salvador José Corrêa Coelho no "Passeio à minha terra", uma das nossas maiores raridades bibliográficas que coincide com a fase mais ativa do tropeirismo. Em suas impressões colhidas em viagem efetuada em 1844, descreve o roteiro seguido desde a Capital da Província até a cidade da Lapa, então Vila Nova do Príncipe. De lá fomos retirar os dados biográficos da família Corrêa. Diz Salvador Corrêa...

" Minha mãe, Maria da Conceição Coelho, nasceu no Príncipe, onde foi batizada a 3 de outubro de 1783, era filha do capitão mór Francisco Teixeira Coelho, natural de Braga, no reino de Portugal, e de D. Gertrudes Maria dos Santos, natural da cidade de Coritiba, neta pela parte paterna de Custodio Teixeira e de D. Catherina Francisca Coelho da mesma cidade; e pela materna de José dos Santos Pacheco Lima e Maria Pereira da Silva.

O capitão José Francisco Corrêa, seu pai nasceu em Portugal em 25 de maio de 1783, na pequena povoação São Pedro de Cesar - Aos 20 anos de idade deixou a terra natal e veio para o Brasil, casando-se com Maria da Conceição Coelho, natural da Villa do Príncipe. Soube, com a atividade que caracteriza os habitantes da Província que nasceu, grangear uma fortuna suficiente para sustentação e ensino da família. Amando por extremo a ciência, nela fez iniciar seus filhos, mau grado incalculáveis dispendios. Seu amor pelos conhecimentos humanos dominava uma esfera dilatada, e coisa singular! - o Sr. Capitão Corrêa não era letrado, apenas em sua



José Francisco Corrêa
1817 - 1879



Residência onde nasceu o primeiro
médico do Paraná.

infância recebeu instrução rudimentar .Veio para o Brasil no princípio do século passado: amava este país, como sua verdadeira Pátria com todo o entusiasmo próprio dos tempos heróicos".

Formou em Direito na Universidade de Coimbra o primogênito, e, criadas as Academias no império, formou um filho em Medicina.

É deste filho, formado em medicina em 1843, que iremos nos ocupar agora:

JOSÉ FRANCISCO CORRÊA

1817, nascia na Vila do Príncipe o primeiro médico paranaense.

Tendo estudado primeiras letras e rudimentos na sua Vila natal, passou para Curitiba onde seguiu humanidades, indo completá-las na Côrte.

Em 1837 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Concluiu seu curso, com a defesa de tese de doutoramento a 5 de dezembro de 1843, perante a congregação.

Essa raríssima peça bibliográfica, consta, com seu diploma, do acervo do Museu David Carneiro.

A tese que o Dr. José Francisco Corrêa defendeu e que lhe valeu o título de doutor em medicina (o primeiro entre os nascidos no Paraná) tinha como título "Algumas proposições sobre as febres intermitentes por intoxicação paludosa".

A primeira proposição é a definição do que se propoz a elucidar. "A afecção febril caracterizada por acessos mais ou menos regulares (sendo seguido da

apirexia). É o que se chama febre intermitente, e eram, dentre outros, os primeiros passos nos estudos que vieram, em anos sucessivos, até o final do século com a identificação dos agentes etiológicos da Malaria, pela Escola italiana de medicina Tropical e Instituto Francês de Patologia exótica.

Outro fato a assinalar, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi organizada em virtude da Reforma das Academias Médico-Cirúrgicas em 3 de outubro de 1832. Portanto, o Dr. Corrêa formou-se na 6ª turma de médicos em 20 de dezembro de 1843.

De volta à Vila natal, o Dr. Corrêa, que era homem abastado, cuidava dos seus doentes com extrema caridade, parecendo-me que raramente cobrava seus honorários.

De sua atividade médica a história não guardou nenhuma outra notícia, além da que refere sua presença, esporádica, atendendo doentes na cidade de Ponta Grossa, Castro e Curitiba.

Casou-se com D. Maria da Conceição Marcondes, filha do Cel. Domingos Inácio de Araújo Marcondes.

E o primeiro Médico do Paraná, a 13 de junho de 1879, morreu com a mais plena consciência não só do mal que o vitimava, senão também da marcha e progresso da enfermidade, visto que em carta deixada com recomendação a seu filho Eduardo, dizia:

"Depois do meu desaparecimento que muito breve se dará, desejo que vos conserveis unidos..."

O tempo se encarregou de consolidar seu desejo pois os Corrêa permaneceram unidos.



Manoel Pedro dos Santos Lima
1843 - 1898

MANOEL PEDRO SANTOS LIMA

Nos magníficos estudos biográficos de Dirceu Pacheco de Lacerda, João Cândido Ferreira e de Arnaldo Moura, fui buscar história para compor algo que pudesse ressaltar a história de um homem, exemplo de dignidade humana, um dos grandes vultos da medicina paranaense do século passado.

Manoel Pedro dos Santos Lima. Nasceu na Fazenda Santa Amélia em 29 de junho de 1843, município da Lapa, filho do Dr. José Gaspar dos Santos Lima e dona Ana Messias de Oliveira Lima.

José Gaspar dos Santos Lima, filho de Manoel dos Santos Pacheco e Maria Colleta da Silva, nasceu na Lapa em 1804. Foi magistrado ilustre, formado numa das primeiras turmas da Faculdade de Direito de São Paulo, era uma espécie de caixeiro viajante da justiça.

Serviu como Juiz em Sabará, comarca do Rio das Velhas, em São Paulo, depois em Cruz Alta, no Rio Grande do Sul e novamente em São Paulo, na Comarca de Taubaté.

Não tinha quase um pouso fixo.

Andava espalhando justiça.

Pouco se sabe da primeira infância de Manoel Pedro, passada em Cruz Alta, onde o pai exercia a magistratura.

Quando o garoto completou 12 anos, foi matriculado no célebre Colégio Baependi, em Minas Gerais, quando seu pai era juiz em Taubaté.

Findo o curso primário, logo iniciou o secundário, na Capital paulista.

Quando se matriculou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1862, tinha apenas 19 anos. Concluiu o curso em 27 de dezembro 1868, com a defesa de sua tese inaugural versando sobre "Eclampsia durante prenhez e parto".

O velho juiz não se descuidara, evidentemente, da carreira do futuro esculápio.

O lapeano, que acordou na Fazenda Santa Amélia, é agora acadêmico de medicina. Mora num quarto, à rua Teófilo Otoni.

Mas, não mora sozinho. São seus companheiros, nesse quarto hospedaria, João Teixeira Soares, estudante de engenharia e Antonio Gomes Carneiro, que estudava farmácia.

Um trio bem heterogêneo, vivendo em harmonia e sonhando sonhos bem diferentes.

O destino é insondável nos seus caprichos. Foi aquele estudante de farmácia, no cerco da Lapa, com os bordados de General, que morreu para salvar a República.

Volta o esculápio ao ninho antigo, onde casou-se a 8 de janeiro de 1869 com Dona Maria Clara de Oliveira Lima.

A luta se reinicia.

É mais árdua e mais ingrata, porque quase sempre pontilhada de ingratidões.

Não há um horário fixo para consultas.

São quase sempre atribuladas as horas de refeições.

E o próprio sono é, seguidamente, interrompido por chamados, quando não por longas viagens.

Médico de província!

O esculápio não descansa.

Sente um encanto sempre novo, no sofrimento aliviado.

A proporção que o seu nome se espalha, respeitado, são mais longos os caminhos a percorrer.

No princípio eram os doentes da cidade.

Depois, os doentes do município.

E depois, ainda, os doentes ricos de outras cidades distantes.

Só havia uma condução naquele tempo: o animal de sela. Manoel Pedro tinha uma égua - Lontrinha - que era a limousine da época...

Uma viagem que terminava, era apenas a baldeação para outra, que recomeçava ao dia seguinte.

O médico era moço, grande a resistência física e maior ainda o sacerdócio que praticava.

Além da vida atribulada da clínica, com viagens seguidas, noites mal repousadas, ainda arranjava tempo para lecionar.

Professor amador!

Lecionava História Universal, Botânica, Inglês, Francês, Latim e música, pois tocava admiravelmente piano e violão.

Os seus desenhos a lápis, relíquias da família, revelam um artista consumado.

Foi graças a sua iniciativa que se fundou a Associação Literária Lapeana, que se construiu o Teatro São João e que se criou uma biblioteca, que logo contou com mais de dois mil volumes.

Não parou aí a sua atividade fora da medicina.

Quando na Câmara Municipal prestou relevantes serviços, entre os quais se destacam a construção da Casa Escolar da Lapa, para a qual D. Pedro II contribuiu com 500\$000. A casa escolar da Lapa, teve sua pedra fundamental lançada pelo Dr. Manoel Pedro, no tempo em que foi ele Inspetor Escolar pela primeira vez e a construção do prédio lhe deve quase inteira os mais contínuos esforços. Foi a primeira casa escolar fundada no Paraná.

Ainda não se disse com coragem bastante, ainda não se exaltou com absoluta justiça e ainda não se consagrou, definitivamente, sua memória.

Modesto por índole, Manoel Pedro não se envaidecia de glórias.

Não tinha a audácia da ignorância.

Não se afastava, nunca, da serenidade, que o saber profundo empresta a um cientista.

A escolha da terra natal para a atividade clínica, é um traço marcante de sua modéstia.

Seu nome transpôs fronteiras e nunca foi esquecido pelos sábios da Medicina.

Grande, numa terra pequena.

Uma vida que viveu, intensamente, 30 anos de Medicina.

Chamado urgente de Palmeira. (Conta-nos Dirceu Lacerda)

" A Baroneza de Tibagi, doente, reclama o médico. Estado grave.

- Não posso atender!

- Mas, é a Baroneza de Tibagi, Manoel Pedro!

- insistia a sua esposa.

E o médico argumentava:

- A Baroneza é rica. Pode chamar quantos médicos queira e será socorrida. Estou tratando da Benedita louca, que está atacada de febre tifóide. Se eu deixar a Benedita, ela morre".

Diz Arnaldo Moura:

Se a modéstia foi traço característico da personalidade do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, a honestidade e a honradez fizeram de sua figura exemplo para os pósteros. Foi esta honradez e honestidade que não lhe permitiram aderir aos florianistas durante a revolução federalista de 1893, que culminou com o cerco da Lapa, em fevereiro de 1893.

No entrevero dessa guerra fratricida o Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima formou com a oposição ao governo estadual, apoiando os ideais de Silveira Martins.

Chefe de grande prestígio, gozando de incontrastável influência entre seus correligionários, adversários dos sitiados na praça da Lapa, foi ele preso em fevereiro de 1893 e recolhido à Câmara Municipal.

Com a retomada do Paraná pelas forças florianistas, sobrevivendo os dias tristes da nossa história, foi obrigado a deixar a Lapa e ocultar-se fora do Município, enquanto rugia a tormenta dos fuzilamentos sem julgamento, nem processo.

Não renega os seus ideais, maragato continua, persiste fiel a Silveira Martins, com vontade férrea resiste ao infortúnio.

Retornou à sua terra digno e respeitado, tão logo cessada a noite triste da nossa história; na altivez da sua honra e da sua honestidade sustentadas.

Um episódio que define sua grandeza, conta-nos Dirceu Lacerda:

O Cel. João Pacheco dos Santos Lima, seu primo, era o comandante da praça:

Diariamente, diante das grades, João Pacheco estacionava, em atitude acintosa, amolando uma faca, que destinava para degolar o preso parente.

Manoel Pedro, calmo, aguardava o degolamento. A faca, porém, não entrou em função...

Passam os tempos, João Pacheco dos Santos Lima adoece. Estado grave. Desesperador.

Alguém aconselha a família do doente, que se chame o Dr. Manoel Pedro.

- Chamar o Dr. Manoel Pedro, depois do que aconteceu? Não!

- Ele não virá!

- Si não vier paciência, mas, não custa tentar. Tentaram.

Quando o Dr. Manoel Pedro pôs o chapéu na cabeça e disse onde ia, a sua esposa arregalou os olhos, exclamando:

- Você vai ver o João Pacheco, depois do que aconteceu?

Manoel Pedro, sorrindo, ajuntou:

- Vou, sim. Quem vai lá é o médico!

Foi.

E salvou o amolador de faca!...

Na época de epidemias foi incansável em assistir as populações assoladas. A este respeito esboçou um estudo - "A endocardite na febre tifóide".

Duas epidemias, uma de escarlatina, em 1889 e outra de febre tifóide assolam a terra lapeana, em datas diferentes.

Manoel Pedro socorre os doentes, indica medidas de higiene, jugula as duas entidades mórbidas, com rapidez e eficiência. Mal tem tempo para repousar e é sempre às pressas, que toma alimentos, tal o número incrível de chamados.

Mas, um fato curioso tinha que se destacar na epidemia de escarlatina, levada por colonizadores italianos.

Quando a epidemia terminou, Manoel Pedro falava com tal desembaraço o idioma de Dante, que surpreendia os próprios italianos.

MANOEL PEDRO morreu pobre.

"Fiz da Medicina um sacerdócio".

Foi frase de seu testamento, escrito de próprio punho.

Não se recusava atender aqueles que batiam a sua porta.

Não media a distância dos caminhos.

Não indagava, nunca, se era rico ou se era pobre, o doente.

Atendia os clientes pela gravidade dos casos, embora fossem paupérrimos.

Quando a cidade se viu assolada por duas epidemias, não alegava fadiga.

Se não cobrava dos pobres, não apresentava conta aos ricos.

Não foi apenas um sacerdote da medicina.

Foi um sacrificado.

Doente, sabendo da gravidade da doença, não procurava repouso.

Apressava os passos para a morte.

Na tarde do dia 1º de setembro de 1898, Manoel Pedro, sentado no leito, posição que trazia alívio ao miocardio inflamado, conversava com um grupo de pessoas amigas.

Em dado momento, a mão direita, que apoiava o queixo, caiu num gesto que dizia tudo, na eloquência de sua mudez.

Era o fim.

Nenhuma frase.

.....

Tinha de morrer do coração, quem tanto pelo coração vivera".

JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

Passemos agora para o ano de 1864, Fazenda do Taboão. Em 21 de abril nascia João Cândido Ferreira

Ao estudarmos a vida de João Cândido, sua personalidade, seus escritos médicos e literários, sua vibrante inteligência, sua profunda cultura médica e humanística, ficamos com a íntima sensação de estarmos diante de um gigante da mente e do espírito.

Para compreender João Cândido, será preciso remontar às suas origens. Sua personalidade havia de ficar marcada por alguns traços comuns dos homens destes pagos: o apeço à terra nativa, sentimento bairrista que é uma tradição histórica da Lapa e uma relíquia venerável do passado. Com ele, o sentimento de brasilidade, a força interior, a predeterminação, a perseverança.

Decorreram os primeiros anos de sua existência no ambiente rural da Fazendinha, residência de seus pais, o Alferes João Cândido Ferreira e D. Ana Leocádia Maciel Ferreira e, posteriormente, a Lapa, onde iniciou o estudo das primeiras letras com o Professor Pedro Fortunato.

Por volta de 1878, estudou no tradicional colégio do Lageado, em Sorocaba, onde permaneceu durante dois anos, findos os quais regressou à Lapa, seguindo para a Côrte. No Colégio Alberto Brandão, fez seu curso de humanidades.

Matriculou-se em 1883 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se revelou, como estudante, o grande clínico que seria na vida profissional.

Em dezembro de 1888, agravando-se o estado de saúde de seu pai, e tendo sido chamado à Lapa, obteve



João Cândido Ferreira
1864 - 1948

do diretor da Faculdade autorização para colar grau antecipadamente, a 21 de dezembro, depois de haver brilhantemente defendido a sua tese inaugural, "Diagnóstico e Tratamento das Nevrites Periféricas".

A formação Médica de João Cândido processou-se, no último quartel do século passado, sob a influência das grandes mutações ocorridas nas doutrinas médicas.

Pertenceu à geração dos jovens médicos que no Rio de Janeiro, que ainda conservava muito da velha cidade colonial, assistiram às primeiras mutações no setor médico, tendo em mira as melhorias de condições de vida dos agrupamentos humanos.

Diplomado, inicia as suas atividades profissionais no torrão natal repartindo nos seus primeiros anos de trabalho, com Manoel Pedro dos santos Lima, as agruras da clínica.

João Cândido tinha testemunhado a Lapa sofrer com a revolução federalista, e, médico de Carneiro, dedica-lhe pela vida, um culto ininterrupto. Assiste-lhe a agonia, e a constância no culto à memória do herói da Lapa, é apenas um aspecto da constância de João Cândido em suas opiniões e afeições.

A Lapa, nessa época, pagava anualmente um tremendo tributo em vidas aos surtos periódicos de febre tifóide, particularmente nos meses de fevereiro, março e abril, quando a doença se manifestava em verdadeiros surtos epidêmicos.

Em cuidadoso inquérito epidemiológico, apurou que o veículo de contaminação da população da Lapa, era a água do seu chafariz, em cuja vizinhança se registravam casos de febre tifóide.

Com a interdição do uso do chafariz, nos anos que se seguiram, não mais ocorreram surtos epidêmicos e nunca mais a população viveu os momentos de angústia

com que todos os anos ao iniciar-se o mês de fevereiro, aguardava a mortífera ação da terrível febre.

Entre os clínicos de seu tempo, pertenceu ao grupo daqueles, sempre prontos a dedicar suas atividades em prol da educação higiênica.

Sua primeira contribuição nesse sentido, quando clínico na Lapa e membro da Diretoria do clube local - " Congresso Recreativo " - foi a de inaugurar em outubro de 1897, uma série de conferências de interesse educacional. Coube a ele a primeira, que escolheu como tema, assunto de relevância e utilidade imediata para o meio: " Profilaxia da Tuberculose ".

Valeu-se da conferência para divulgar noções seguras sobre a tuberculose, e nesse sentido doutrinar com segurança, transmitindo os resultados a que conduzem os cuidados higiênicos na luta contra a infecção.

Aliás, todas as iniciativas de caráter cultural na Lapa tiveram integral apoio de João Cândido, no início de sua vida médica.

O prestígio de que então desfrutava o jovem médico foi, à instância de amigos, colocado a serviço de sua terra: Prefeito Municipal da Lapa em 1892, Deputado Estadual em 1896, Deputado Federal em 1901, Vice-Presidente do Estado em 1903 e Presidente eleito do Paraná em 20 de outubro de 1907.

Nessa fase inicial de sua vida pública, que decorreu de 1892 à 1903, pudemos sentir que as preocupações políticas não absorvem a sua atuação médica, pois assinala os lazes da clínica com a publicação de vários trabalhos.

Com a aprovação da memória " Influência da Gravidez sobre as moléstias do Coração ", em 1899,

conquista o título de membro correspondente da Academia Nacional de Medicina.

Antes de tudo era médico, amava a glória de sua profissão, a única que lhe parecia digna de ser aspirada, como bem assinala Loureiro Fernandes, um de seus melhores biógrafos.

Em maio de 1913, viajava para a Europa. Em Paris, visita velhos hospitais e, na Suíça, detém-se especialmente nos cantões de Grison, em visita aos mais famosos sanatórios do mundo.

Com que satisfação pôde aquele médico lapeano registrar então, que a propósito do regime desses sanatórios, " em todos eles já estava proscriita a super-alimentação no tratamento da tuberculose ".

E só depois de sua longa viagem à Europa em 1913, se fixa em Curitiba, onde um ano antes, o parnaguara Nilo Cairo e o lapeano Vitor do Amaral, tinham fundado a Universidade, que medrou, se consolidou e sobreviveu como instituição nacional.

No ano seguinte vamos encontrar João Cândido Presidente eleito da Sociedade de Medicina do Paraná. Em 12 de setembro de 1914, assume esse cargo e profere brilhante alocução, desenvolvendo a antítese " Guerra e Medicina ", verdadeira profissão de fé no progresso da Medicina no momento em que o mundo iniciava as suas perigosas fases guerreiras deste século.

A sua formação científica e literária, fortemente influenciada pelos mestres franceses, deve a João Cândido aquele método todo seu de ensinar.

Lembro-me de suas preleções no velho galpão de madeira, anexo à Santa Casa de Misericórdia, lá pelos idos de 1940, onde eram improvisadas duas salas de aula - uma à maneira de anfiteatro, outra, com as clássicas carteiras, tão queridas de nossa memória de estudante.

Guardo na lembrança o médico e, sobretudo, o Professor, humano, carinhoso com os doentes, tolerante

com as indagações estudantis, pois o que mais impressionava em sua complexa personalidade, multiforme e variada, era a grandeza simples do expositor de fatos clínicos.

Clínico sábio, sempre a par das mais recentes aquisições da Medicina, em especial, francesa, dominante em sua época; cativante pelo trato, empolgava pela lógica de raciocínio e pela observância rígida dos preceitos da ética médica.

No hospital, crescia a justa medida do quanto valia. Entre os leitos da enfermaria, o grande Professor tinha a modéstia de não dizer tudo o que sabia, mas somente tudo o que o estudante deveria saber. Essa qualidade, fazia de João Cândido o Professor de Clínica em sua mais alta expressão.

Hoje, 50 anos decorridos, revejo, em minha memória, a imagem de meu Professor de Clínica Médica, ao lado de um leito de enfermaria, transformando as inquietudes de um pobre doente, em esperanças e, a nós ensinando que a prática médica é, sobretudo calor humano.

Foi grande homem, grande médico, e grande médico porque, exemplo impar, soube fundir em uma fórmula mental superior a erudição e a elegância, trabalhada, polida, lapidada, na cultura de uma arte própria.

É nesse amalgama precioso que residia a mola real, o soberano motivo da verdadeira influência com que João Cândido dominou seu meio e sua época, com seu exemplo que representa os nossos valores permanentes, bandeira da medicina do Paraná e uma lição de vida para todos aqueles que ainda cultivam, intocadas, as velhas verdades e as velhas certezas do coração e do espírito.



Eduardo dos Santos Lima
1880 - 1974

EDUARDO SANTOS LIMA

1880. Estamos chegando ao final do século passado.

Eduardo dos Santos Lima nascia na cidade da Lapa em oito de março de 1880. Era o quarto de seis filhos do consórcio doutor Manoel Pedro e dona Maria Clara dos Santos Lima.

Esta vida que agora devo evocar, foi bondade nas mil formas de virtude. Bondade não fingida, sem abraços mentirosos, mas do abrir continuo das mãos no gesto generoso.

Senhoras! Senhores! meus conterrâneos.

Por certo, a intensidade de minha emoção, não me permitirá dizer da grandeza de sua vida e o que dela perdura, como um sonho indeciso, como se fosse possível traduzir com um punhado de palavras um sentimento cuja grandeza pede um altar dentro de nós mesmos. Mas eis-me aqui, com as forças vivas do coração, a evocar sua vida. Concedei-me, portanto, tolerância pelas minhas falhas, pois é difícil a situação de um filho escrever ou falar sobre a vida de seu pai. Por mais indiferente ao julgamento alheio, mais inexoravelmente escravo do próprio julgamento. A cada adjetivo, fato ou comentário, surge a auto censura na encruzilhada da dúvida entre o exagero possível e a restrição injusta.

Quando menino já demonstrava ser dotado de invulgar inteligência. Aos quatro anos começou os estudos frequentando casa escolar da cidade da Lapa. Começa cedo o preparo intelectual. E não se precisou de grandes esforços. Que o dissesse o caprichoso professor Ponciano, dando informes da "aula particular promíscua", por ele mantida. No mapa trimestral

enviado, com a data de 5/10/1884, ao Dr. Conrado Caetano Ericksen, juiz, futuro desembargador, mas, no caso, "inspetor das aulas desta cidade", estavam as notas e observações a respeito do pinante de apenas 4 anos, Eduardo dos Santos Lima, e mais seu irmão Conradino.

Aos dez anos, coisa incomum, foi para o Rio de Janeiro, onde matriculou-se no famoso "Colégio Abílio", dirigido pelo Barão de Macaúba, o mesmo internato que inspirou Raul Pompéia a escrever "O Atheneu".

Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1897 diplomando-se em 1903.

Sua tese de doutoramento, defendida a 27/11/1903 versou sobre "Valor patogênico da 1ª dentição".

No intróito sentia-se, mais uma vez a maturidade, de um servidor da ciência e da humanidade.

Assim escrevia, em 1903, o recém-formado Dr. Eduardo dos Santos Lima:

"Frequentando durante três anos os serviços de Pediatria da Policlínica do Rio de Janeiro, sob a direção dos Drs. Moncorvo Pai e Filho, e do Dispensário Moncorvo, do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, sob a direção de seu benemérito fundador, o Dr. Moncorvo Filho, notamos sempre que muito se falava na influência da dentição na produção de moléstias; esta influência era sempre lembrada pelas mães, e de contínuo combatida pelos médicos que militam nesta Instituição".

"Por ocasião da nossa frequência nesses dois templos da caridade, foi-nos lembrado pelo Dr. Moncorvo Filho esta questão do "Valor patogênico da Primeira dentição", para constituir o assunto de nosso trabalho inaugural".

Regressando ao Paraná, foi, durante alguns anos, médico da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, em construção, trabalhando de Itararé a Rio Negro, e no sul até São Francisco.

"Entre 1904 e 1906, residiu em Ponta Grossa, centralizando daí o cuidadoso atendimento médico ao pessoal ferroviário, e também servindo, com abnegação e notável espírito de sacrifício, à população daquela cidade. Para os empregados da Estrada e respectivas famílias, o Dr. Santos Lima foi de uma bondade e zelo apostolares". Assim nos relata Valfrido Piloto.

Em 1906, quando começou a clinicar na Lapa, a cidade, acolhedora e humana, era desprovida de recursos técnicos. A medicina, para ser exercida, requeria muito da capacidade pessoal do médico, de seu preparo e dedicação, frente às doenças que, naquele tempo, mais ocorriam ali: a pneumonia, a febre tifóide, a tuberculose, o tétano e as afecções renais. O combate às mesmas deveria ser feito por meio de fórmulas magistrais, aviadas na Farmácia local, primeiro por Luiz Ernesto Carrano, depois por Lizandro Santos Lima, seu irmão e mais tarde por Guilherme Lacerda Braga seu dedicado e grande amigo.

A lombo de cavalo ou carroças, cortava aquelas campinas até Vilas distantes, mesmo que tivesse que enfrentar os temporais do verão ou palmilhar o solo crepitante das geadas do inverno. Muito humanitário, só visava ao cumprimento do sacerdócio profissional em benefício do necessitado. E, por fim, como informou um seu amigo "do pobre não cobrava, ao rico não apresentava contas".

Exercendo a medicina até aos 80 anos, o Dr. Eduardo dos Santos Lima, teve, sem esmorecimentos, a preocupação de estar em dia com os progressos da ciência.

Além de tudo, dominava bem as línguas inglesa e francesa, e não era um estranho ao linguajar alemão.

Aos 70 anos, cometia o arrojo de estudar o russo, e isso era condizente aos eslogans com que azucrinava os netos: "Estudar e estudar, que nunca é tarde", ou "Morrendo e aprendendo". Afiocionado de variadas leituras e possuidor de memória excepcional, discorria com desenvoltura os mais contraditórios assuntos.

Eduardo dos Santos Lima foi, também um político. Não, certamente para grangear posições e benefícios, mas no sincero intuito de servir aos seus, à terra natal. Deste modo elegeu-se, pela vontade popular, Prefeito da Lapa em 1924, mandato que cumpriu legalmente até 1928.

Muito cooperou, em 1925, para que o benemérito lapeano embaixador Hipólito Alves de Araújo oferecesse à municipalidade a hoje pujante Fundação Hospitalar decretando isenção dos tributos Municipais.

Reeleito, desempenha a função nos anos de 1928 a 1929, interrompendo-a, em vista de sua mudança para Curitiba, convidado a dirigir o Serviço de Doenças Venéreas da Saúde Pública. Exerceu a função até outubro de 1930, sendo dela afastado pela Revolução. A partir daí dedicou-se novamente à clínica, dando vassas àquilo que sempre mais lhe cativou: A Pediatria. Pode-se dizer, que ele foi um dos primeiros cultores dessa especialidade em nosso Estado.

Amigo de sua cidade natal, a ela dedicou algo ponderável de sua vida, mas como sóe acontecer - o bem que se faz nunca se encontra com a gratidão.

Da política só guardou mágoas e desencantos.

"Profissional à moda antiga, (diz David Carneiro, seu grande amigo) cheio da mais completa dedicação aos seus clientes, cidadão prestante que a sua liderança espontânea (em função da cultura) jogou à política de aldeia a que não pode furtar-se, foi dessas criaturas admiráveis a cujo respeito mil novelas podiam ser tecidas em torno da sua dedicação, do seu espartano e mudo sofrimento, no cumprimento do seu dever, profissional e humano".

Em 31 de maio de 1974 cerrou os olhos para sempre.

Deixou atrás de si marcante e luminosa rota, a orientar aqueles que tiveram a ventura de privar de sua companhia e ouvir sábios ensinamentos.

BERNARDO LEINIG

Nasceu em Curitiba a 26 de outubro de 1898, cumprindo aqui o curso primário. O período ginásial foi realizado no Colégio Anglo-Americano de São Paulo, ingressando na Faculdade de Medicina em 1917.

Obteve o diploma de médico em dezembro de 1922, em cerimônia memorável, quando os dezessete formandos estavam vestidos a rigor, com casaca, por ser o ano do centenário da independência do Brasil.

Instalou-se em seguida na cidade da Lapa, onde trabalhou durante três anos.

Casou-se em setembro de 1923 com a Sra. Júlia Chalbaud, de cujo matrimônio nasceram três filhos.

A partir de 1926 transferiu-se para Curitiba, com crescente trabalho na clínica particular e na Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Rede Paraná-Santa Catarina, eletivamente como obstetra e ginecologista, assiduamente ao lado do Dr. Jorge Mayer.

Em outubro desse ano foi comissionado pela "Hygiene do Estado", como era denominada a Secretaria de Saúde na época, para atendimento a um surto de peste bubônica que eclodiu em Paranaguá. Lá permaneceu por várias semanas, até ser considerada debelada a endemia.

Faleceu a 5 de março de 1959, ainda no desempenho de atividade profissional.

JOAQUIM LINHARES DE LACERDA

Início do século 20. Nove de abril de 1900 nascia na cidade da Lapa Joaquim Linhares de Lacerda, filho de João José Corrêa de Lacerda e de Otilia Linhares de Lacerda.

Fez seu curso primário em sua cidade natal e o de humanidades no Ginásio Paranaense e Escola Normal de Curitiba, concluindo-o, como Professor, em 1917.

Em 1919 ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo seu curso em 1924. No período acadêmico foi interno da Maternidade de Laranjeiras e da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Na Cadeira de Obstetrícia do Professor Fernando de Magalhães foi buscar o tema para elaborar sua tese inaugural dissertando sobre "Higiene da Gravidez", defendida com brilho em 26 de dezembro de 1924.

Retornando à Lapa, aqui exerceu a clínica até o final de sua vida.

Em 1925 casou-se com D. Helena Suplicy de Lacerda e, dessa união teve dois filhos - Otília e Antonio Carlos.

Dentre as várias funções ligadas à Medicina, devo destacar as de Diretor do Hospital Hipólito Alves de Araújo, e de médico da Rede Viação Paraná Santa Catarina.

Alguns fatos pitorescos de sua vida, me foram contadas pelo seu ilustre filho e meu prezado amigo Dr. Antonio Carlos Suplicy de Lacerda. "Médico da Rede Ferroviária, atendia aos doentes no trecho compreendido entre Rio da Varzea e a Estação de Engenheiro Bley, viajando em vagonetes.



Joaquim Linhares de Lacerda
1900 - 1953

Em suas andanças pelas colônias e fazendas, sendo obrigado a usar estradas em péssimas condições de tráfego, seus meios de transporte eram um velho Fordeco e um cavalo. Este seu veículo foi vendido ao Sr. Francisco Pazinato, que amortizou a compra somente com viagens para transportá-lo ao interior do Município.

Por divergências políticas, rompeu laços de amizade com o Sr. Guilherme Lacerda Braga, farmacêutico da Cidade, mas quando sua presença era necessária podia sempre contar com sua colaboração espontânea, esquecendo rivalidades.

Em tantas improvisações tão comuns no atendimento médico de roça, os faróis do fordeco eram uma poderosa fonte de luz a iluminar os casebres no atendimento a partos distócicos ou pequenos atos cirúrgicos.

Em suas viagens para atender doentes em Colônias, onde permanecia por alguns dias, com frequência era acompanhado pelo Padre Lamartine que aproveitava a carona para rezar missas nas pequenas capelas e dar conforto espiritual às comunidades visitadas".

Francisco Brito de Lacerda, o mais cativante contador de histórias da Lapa, nos referiu fatos dolorosos da vida de Joaquim Linhares de Lacerda que devem ser aqui repetidos pois definem sua personalidade. Passemos a palavra a ele:

" A decisão de ser médico nasceu de seu inconformismo diante da morte prematura dos pais. A mãe morreu em Ponta Grossa, durante uma operação de apendicite, influenciando no desenlace o clorofórmio. Quinco, ainda menino, mal completara o curso primário. O desaparecimento da mãe, na hora em que seus quatro filhos (três homens e uma mulher) dela mais precisavam, obrigou o pai a espalhá-los entre

parentes, na Lapa, em cujas casas passaram a viver.

Poucos anos depois a caminho da Faculdade, ele assistiu ao passamento repentino do pai, que teve um enfarto em Curitiba, no Hotel Rio Branco, onde se encontrava a passeio com os filhos.

A assistência que não pode dar aos pais marcaria, depois, seu comportamento profissional, caracterizado pelo carinho que dispensava aos pacientes, transmitindo-lhes ânimo e alegria, convencido de que, além do remédio, o amparo psicológico também cura, ou pelo menos ajuda o doente a atravessar o pior pedaço.

Competente e trabalhador, o popular Doutor Quinco deixou bom nome profissional, sobretudo entre as pessoas do interior, que o tinham na melhor conta".

Com Joaquim Linhares de Lacerda caminhamos para a final da chamada "Medicina Romântica", do respeitado médico de família, conselheiro paternal.

Também, quero deixar minha homenagem a Guilherme Lacerda Braga, nosso sempre lembrado e querido Seu Guilherme, pelo que valeu, pelo que sofreu e viveu as peripécias do farmacêutico do interior, pela sua irreverência, pelos seus trotes, pelas encantadoras anedotas e, sobretudo, pela solidariedade humana, pairando acima das tradicionais querelas políticas.

.....

Diz David Carneiro que é uma tradição interessante a da medicina, no Paraná. Vieram primeiro alguns estrangeiros esparsos, prestando seus serviços em termos tais que a tradição os fixou. É fácil citar nomes, entre os estrangeiros como João Maurício Faivre, Francisco Grillo, Francisco Burzio, Szymon Kossobudzki, Juliam Szymanski.

Mas, diz ainda David Carneiro, é difícil citar todos os ilustres médicos baianos que viveram entre nós.

Quantos aqui vieram e aqui ficaram trabalhando para o engrandecimento de nossa terra. Os Assis Gonçalves, os Trajano Reis, os Muricy, os Cerqueira Lima e na Lapa os irmãos Leone.

Quero tentar agora dizer um pouco da vida destes dois baianos que adotaram a Lapa como sua terra.

ALOYSIO PASSOS LEONE

1899, nascia na fazenda de Campo Limpo, Cruz das Almas, no interior da Bahia, a 06 de julho de 1899, Aloysio Passos Leone, filho de Augusto Leone e D.Alice Passos Leone.

Atingida a idade escolar, matriculou-se no Colégio Sagrado Coração de Maria, em Salvador, educandário de várias gerações baianas e que foi um dos precursores dos modernos métodos pedagógicos.

Feito o ciclo primário, foi matriculado no Ginásio Ipiranga, onde teve destacada projeção pela sua privilegiada inteligência.

Vencido o período fundamental, com apenas 16 anos de idade, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, concluindo o curso em 1920, com a defesa de tese inaugural versando sobre o tema "Das Complicações nas Hérnias Inguinais".

No Instituto Oswaldo Cruz, Manguinhos, fez o curso de médico sanitarista. Concluindo-o com distinção, foi nomeado para o nosso Estado, assumindo a Inspeção Sanitária do Posto de Profilaxia Rural do Rio Negro. Extinto o convênio em 1925, passou a clinicar na Cidade da Lapa, ampliando sua ação médica junto ao sanatório São Sebastião.

Na vida pública Municipal e Estadual teve merecido e invulgar destaque.

Após a revolução de 1930, foi convidado pelo Interventor Federal no Paraná - Sr. Manoel Ribas - para ocupar a Prefeitura Municipal da Lapa. Como Prefeito deixou marca indelével, pela probidade com que sempre pautou sua administração.

Foi membro do Conselho Consultivo Municipal, Diretor do Instituto Médico Legal do Paraná e também dirigiu o Instituto Oswaldo Cruz, de moléstias infecto-contagiosas de Curitiba.

Irmãos Leone



Aloizio Passos Leone
1899 - 1945



Pedro Passos Leone
1902 - 1976

A tudo isso preferiu a calma bucólica da Lapa, para onde voltou, após breve ausência e onde clinicou até o final de sua vida, em 09 de fevereiro de 1945.

Homem de ciência honesta para quem o prêmio do trabalho estava só na alegria do dever e do despreendimento. Culto, afável com profunda dignidade, traduzida de forma incomparável no trato com os seus clientes e amigos, que podiam ler nos seus olhos de tranqüila bondade, a grandeza de sua alma.

Na medicina, carreira que escolheu e trilhou com modelar vocação, que enobreceu como poucos, tornou-o conhecido e renomado.

Médico na sua acepção verdadeira e integral, honrou a medicina desta terra, pela bondade e vigorosa linha de sua personalidade.

Expressa na despedida de sua esposa D. Maria Xavier Leone: "Não lhe deixo grande fortuna, mas grandes amizades".

PEDRO PASSOS LEONE

1902, nascia na cidade de Salvador - Bahia a 02 de dezembro Pedro Passos Leone, filho do Bacharel Augusto Leone e de D.Alice Passos Leone.

Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 30 de dezembro de 1925, defendeu tese de doutoramento sobre "Síndrome de Basedow", apresentada à Faculdade em 20 de fevereiro de 1926 e defendida em 29 de março do mesmo ano. Aprovada com distinção, lhe foi conferido o grau de Doutor em Ciências médico-cirúrgicas.

Chegou à Lapa em janeiro de 1928, onde seu irmão Aloysio já residia.

Visitou Tomasina com o ânimo de ali fazer clínica, isto em 1930, porém, retornou à Lapa onde se fixou em definitivo, havendo contraído núpcias com Alice Araújo Leone.

Na Bahia foi auxiliar acadêmico do Instituto Oswaldo Cruz e médico interno do Hospital Santa Izabel.

Na Lapa foi Diretor do Hospital Sanatório São Sebastião, médico da Rede Ferroviária. Fundador do Posto de Puericultura da Lapa. Médico e Diretor da Fundação Hipólito e Amélia Alves de Araújo, da Associação dos Vicentinos, Delegado de Higiene no Município e do Asilo São Vicente de Paula, exercendo vários desses cargos e também intensa clínica filantropicamente.

Foi membro fundador da Sociedade Paranaense de Tisiologia, especialidade que obteve após curso feito na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro no ano de 1940.

Vereador eleito por três legislaturas sempre obtendo significativa votação, ocupando diversos cargos na Mesa da Câmara e destacando-se pelo grande espírito de liderança e autoria de inúmeros projetos de relevância social.

Prefeito eleito da Lapa, em 04 de outubro de 1959. Cuidadoso, dirigente, despido de ambições pessoais, muito fez pelo município.

Faleceu no dia 04 de março de 1976, após longa enfermidade deixando sua esposa Dona Alice, três filhos e nove netos.

Recebeu inúmeras homenagens póstumas, destacando-se entre elas a denominação de um Grupo Escolar na Cidade da Lapa.

Altruísta, compassivo, modesto, de uma modéstia até desconcertante, tinha o magnífico ideal de médico, na prática do bem, com nobreza de coração.

HUMBERTO PILOTTO CARRANO

12 de setembro de 1908, nascia em Curitiba, Humberto Pilotto Carrano, filho de Dionísio Carrano e Eliza Pilotto Carrano.

Seu curso de humanidades foi realizado no antigo Ginásio Paranaense e o de Medicina na Faculdade de Medicina do Paraná, concluído em Curitiba em 1934.

Durante seu curso, foi acadêmico interno da Cadeira de Clínica Médica do Prof. João Cândido Ferreira. Depois de formado ocupou o cargo de Delegado de Higiene, Médico Legista e Médico entrosado ao Serviço Nacional de Febre Amarela em São José dos Pinhais, no período de 1935 a 1939, onde exerceu a clínica.

Em 1940, transfere residência para a cidade da Lapa, onde, além de clínica exerceu a atividade de Médico-Chefe do Posto de Higiene da cidade até 1966.

Em 05/09/35 contraiu matrimônio com Iolanda Lacerda Suplicy de tradicional família lapeana.

Idealizador e fundador da Maternidade Nossa Senhora da Luz, em 1943, onde foi seu diretor e obstetra, instituição integrante da Associação de Amparo à Maternidade e à Infância, fundada no mesmo ano e da qual foi um lutador constante para dotá-la de recursos financeiros e materiais na busca de melhor assistência maternal à população.

Sua filha Mariza, sua esposa Yolanda e vários amigos, em depoimentos plenos de emoção nos contam em detalhes histórias cativantes do que foi sua luta para concretizar um ideal, um sonho - o de dar à Lapa uma Maternidade.

Foi pioneiro na luta pela proteção à gestante pobre da Lapa.

Médico integrante do corpo clínico do Hospital Fundação Hipolyto Amélia Alves de Araújo, e do

Sanatório São Sebastião na Cidade da Lapa.

De seu extenso "Curriculum Vitae", também procurei destacar alguns tópicos que traduzem sua preocupação em exercer com zelo exemplar todas as atividades médicas ou de finalidade sociais da Lapa.

A colaboração de Humberto Carrano foi de alto valor na Implantação do Hospital Nossa Senhora das Graças na cidade da Lapa, fundado em 1941.

Humberto Carrano nunca se descuidou do aperfeiçoamento profissional, sendo um frequentador assíduo de Congressos Médicos, sempre procurando divulgar suas atividades científicas.

De sua participação em Congresso devemos salientar:

- IV Congresso da Associação Paulista de Medicina, em 1970, em São Paulo.
- X Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia promovido pela Febrasgo e Sogipa em Curitiba em 1972.
- II Congresso de Pneumologia e Tisiologia e da III Jornada Internacional de Pneumologia.

Devem merecer destaque seus Trabalhos:

- "DA HISTAMINOTERAPIA NAS ALGIAS" - Trabalho apresentado no concurso instituído pelos Laboratórios Raul Leite S.A. em 1941 e laureado com o 3º prêmio pela Comissão Julgadora formada pelos Professores Clementino Fraga, Aloisio de Castro e Annes Dias, no Rio de Janeiro e publicado em "Resenha Médica" - ano VIII - nº 6 de novembro e dezembro 1941.
- "Tratamento das Infecções por S.Mansoni em doentes portadores de Tuberculose pulmonar" - trabalho



Humberto Pilotto Carrano
1908 - 1984

apresentado, na qualidade co-autor, ao II Congresso de Pneumologia e Tisiologia e da II Jornada Internacional de Pneumologia, em Salvador, Bahia, em 1976.

TÍTULOS CIENTÍFICOS:

Título de especialista em Ginecologia e Obstetrícia (TEGO) conferido pela Federação Brasileira de Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASCO), filiada à Associação Médica Brasileira, no Rio de Janeiro, em 29 de dezembro de 1970.

Pela sua participação sempre devotada ao interesse comunitário foi agraciado com os títulos Honoríficos:

- Título de "Cidadania Honorária" da Lapa, concedido em 1983.

- Medalha de ouro concedida pela Associação Médica do Paraná no cinquentenário do exercício da profissão, em 1984.

- Placa de prata e ouro, concedida pelo Lions Club da Lapa, por 50 anos de relevantes serviços médicos prestados à comunidade, em 1984.

Sua formação profissional, sua cultura médica apurada, creditavam-no como clínico e obstetra de opinião sempre respeitada.

Foi figura modelar de médico e cidadão que compreendeu à medicina como um todo.

Faleceu em 14 de maio de 1984.

Autêntico médico de família que passou pela vida fazendo o bem.

LUIZ CORRÊA DE LACERDA

1915, nascia em Ponta Grossa, em 07 de dezembro Luiz Corrêa de Lacerda.

Sua infância, por certo, foi aquela vidinha alegre e feliz que só existia nas pequenas cidades do interior. Suas primeiras letras foram no Colégio de Freiras da Lapa. Seu curso secundário em Curitiba.

Vitória Montenegro, sua querida irmã, conta-nos que sua vocação, evidenciada desde criança, era a medicina. Sempre quis ser médico. Muito pequeno pedia aos irmãos já alfabetizados que escrevessem seu nome num papel que mostrava aos amiguinhos.

"Dr. Luiz Corrêa de Lacerda, médico dos homens, das mulheres e das carroças"; (talvez porque na Lapa foi criado só existiam carroças e carroções para o transporte e as crianças gostavam de andar penduradas na traseira das mesmas, até que o carroceiro dava-lhes umas chicotadas; era um chicote com pedaço de couro fino e comprido que estalava para assustá-las).

Formado em medicina pela Faculdade de Medicina do Paraná no dia 08 de dezembro de 1938, com apenas 22 anos de idade.

Era suficientemente inteligente para saber que não podia competir aqui com médicos já com sua clientela formada. Com muita garra, uns poucos trocados e uma malinha com o material cirúrgico que conseguiu comprar em prestação, começou sua caminhada, salvando vidas por quase 39 anos.

Antes mesmo de concluir o curso e receber o seu diploma pesquisou algumas localidades do Rio Grande do Sul e incluiu Taió (SC) entre elas.

Após as buscas anteriores fixou-se em Taió, Santa Catarina onde permaneceu de 1938 até 1947.

Iniciou seus trabalhos montando uma pequena enfermaria de seis leitos, e tão logo pôde fundou um



Luiz Corrêa de Lacerda
1915 - 1977

hospital contando já com a cooperação de uma enfermeira, estendendo suas atividades profissionais até a cirurgia.

Cidade pequena com população quase toda de italianos e alemães. Tratou logo de se instalar num pequeno hotel e arrumar o consultório, pois o dinheiro já tinha acabado e precisava trabalhar. Foi visitado pelos políticos do lugar que lhe ofereceram sua proteção, ao vê-lo tão jovem, desde que ele cobrasse dos seus eleitores uma quantia menor. No dia seguinte, para surpresa dos políticos, na porta do consultório estava um cartão com o preço das consultas, igual para todos. Foi leal ao juramento prestado, tratando todos da mesma maneira. Inteligente, trabalhador e honesto, honrando o diploma conseguido a duras penas, pois perdeu o pai ao entrar para a faculdade, estudando com bolsa (naquele tempo a faculdade era paga e cara) a qual fez juz até o término do seu curso. Sua vida em Taió só lhe deixou saudades, fez muitos amigos que o respeitavam como homem e como médico. Conservou essas amizades até o fim de seus dias.

Retornou à Lapa em 1948, de onde nunca mais se afastou.

Conta-nos, ainda, Vitória, um outro episódio: quando o Dr. Hipolyto Alves de Araújo construiu a Fundação que doou à Lapa, o Luiz - curioso como todo o menino de sua idade - acompanhou a montagem da sala de cirurgia e disse ao Dr. Hipolyto que ia ser médico e iria trabalhar ali. Foi neste hospital que deixou sua marca de médico e de administrador.

Poderia ter saído da Lapa e fazer medicina num centro maior, mais queria continuar seus dias na terra que tanto amou e serviu.

Casado com Maria de Lourdes Corrêa de Lacerda (a Maninha).

Faleceu dia 14 de agosto de 1977 de uma parada cardíaca, deixou saudade, uma enorme saudade. Partiu aos 62 anos, como partem os justos, sem sofrimento.

No dia 29 de agosto na sala de sessões da Câmara Municipal da Lapa sob a presidência do Dr. Nelson Calderari foi solicitado pelo Vereador José Tanck que fosse dada a uma das ruas da Cidade o nome do Dr. Luiz Lacerda.

Luiz foi um grande líder e sua palavra sempre acatada por velhos e moços. Sem exercer cargos políticos, era conselheiro e amigo dos que a ela se dedicavam.

Muitos anos de convivência permitiram-me apreciar-lhe a correção de conduta, a seriedade no trabalho e a invariável lealdade, sempre defendendo com firmeza seus pontos de vista.

Era um homem franco, detestava o fingimento, o faz de conta, a hipocrisia, o uso constante de máscaras. Tinha a ousadia de ser autêntico de modo total, sem meias medidas. Em todos os momentos de sua vida, foi ele mesmo, digno, sem dobrar a espinha.

Amigo leal, sincero, médico humanitário, carinhoso com os doentes, daqueles homens dotados de grande retidão de espírito e de caráter.

Fez da Medicina um sacerdócio. Viveu intensamente toda a angústia de sua profissão.

EUGENIO ALVES GUIMARÃES

Chegamos ao final desta viagem de recordações médicas. Em 18 de abril de 1922, nascia na Lapa Eugenio Alves Guimarães, filho de Honestálio Alves Guimarães e Augusta Westphalem Guimarães.

Sua formação cultural, iniciada na Lapa, depois em Ponta Grossa e Curitiba, onde concluiu seu curso de humanidades, culminou com o curso de Medicina, iniciado em 1940 e concluído em 18 de dezembro de 1946 na Faculdade de Medicina do Paraná.

Em 22 de maio de 1947, casou-se com D. Herói Pacheco Guimarães.

Como profissional, dedicou-se à clínica em diversas cidades do interior do Paraná, como Porto Amazonas, Carlópolis, Rebouças e Rio Branco do Sul.

Em 1966 voltou à sua terra natal, onde exerceu a clínica, mais dedicado agora à sua especialidade em ginecologia e obstetrícia.

Aqui permaneceu por 20 anos, até o final de sua vida tendo falecido, em 27 de novembro de 1988.

Médico com sólida formação em Medicina social, com amplos conhecimentos dos problemas coletivos, o Dr. Eugenio, era capaz de grandes dedicações e amizades, como bem acentua sua esposa.

Se foi grande pai e esposo perfeito, um dos motivos de preocupação de sua vida eram as doenças e mazelas das populações carentes das pequenas comunidades onde exerceu a profissão.

Quero lembrá-lo hoje nesta terra que o viu nascer e o guardou para sempre, como o médico da família lapeana que ele tanto amou e serviu.

É hora de findar esta viagem de lembranças e quero fazê-lo com breves divagações sobre a medicina de ontem e de hoje, com os comentários de Herald

Barbuy sobre " A madrugada mágica " de Bergier ao enfatizar que "na medida em que nos julgamos modernos tendemos a desprezar o passado, cujo sentido profundo já perdemos; e, na medida em que desprezamos o passado, nos afastamos do futuro". Este conceito serve de apoio para alguns comentários que procurarei sintetizar sobre a figura do médico de família, tão intensa e sofridamente vivida pelos médicos de ontem.

Aluizio de Paula, em memorável conferência sobre o médico de família - ontem e hoje - ressalta que "exatamente quando os pessimistas apressados apregoam o fim da família, a figura do médico conselheiro e paternal, sofre essa valorização, entre um passado saudosos e um futuro cheio de interrogações.

E é curioso notar que o prestígio do médico foi, paradoxalmente, abalado pelo próprio progresso da medicina, com a formação de grandes técnicos, muitos deles frios e desumanizados.

O que os velhos clínicos possuíam por intuição, o médico de hoje, mais armado, deveria melhor compreender, pois sua responsabilidade cresce na medida em que a vida se complica e as estruturas sociais se modificam.

Sem interesses imediatistas, com despreendido amor à profissão, muitos dos velhos clínicos pareciam mais devotados aos sentimentos humanos, como sacerdotes, preocupados somente em servir.



Eugenio Alves Guimarães
1922 - 1988

Os primeiros colonizadores que se estabeleceram em nosso litoral estão entre os mais antigos habitantes europeus da América Meridional.

Realmente, quando, em 1532, na expressão de Pedro Calmon, "começa a história da América Portuguesa", Martim Affonso de Souza, em sua chegada a São Vicente e Cananéia, encontrou "um bacharel português bem como um tal de Francisco Chaves e meia dúzia de castelhanos, que aqui estavam desde 1502".

O primeiro povo de Cananéia, descendente daqueles europeus e dos índios, aumentando em número, embarcou em pirogas e canoas, em direção ao sul, e, costeando as praias de Ararapira e Superagui, entrou na baía de Paranaguá.

Na ilha Rasa de Cottinga estabeleceram relação amistosa com os índios carijós, e passaram à terra firme, explorando os rios que desaguavam na baía, até suas nascentes, em busca de minas de ouro e prata.

Era costume as terras novamente povoadas ficarem sujeitas às vilas mais próximas, e a nova povoação ficou subordinada à vila de Cananéia.

Em 1648, a povoação havia crescido a ponto de constituir uma nova vila, cujo primeiro capitão-mor foi Gabriel de Lara.

As terras ao sul da Capitania de São Vicente, após a retirada de Martim Affonso, foram objeto de disputa entre seus sucessores.

Gabriel de Lara ficou como loco-tenente de Marquês de Cascais.

Em 1654, chegou à vila o Capitão-mor Diogo Vaz de Escobar, como preposto do Conde de Ilha do Príncipe, que disputava, com o Marquês, o domínio daquelas terras.

Escobar permaneceu pouco tempo em Paranaguá, pois, já no ano seguinte, em 1655, "achando-se doente e em perigo de morte, ausentou-se da vila para tomar remédios".

Júlio Moreira, historiando a medicina no Paraná, no período colonial, escreve: "Esta informação, apesar de depor pela negativa, isto é, fazendo chegar até nossos dias o conhecimento de que naqueles remotos tempos o pequeno povoado de Paranaguá não dispunha de qualquer recurso médico ou farmacêutico, constitui-se em dado importante, permitindo fixar nessa era o marco zero dos estudos sobre a medicina no Paraná".

Fixamos, por isso, o início do nosso estudo em 1655, e, trezentos anos mais tarde, 1955, seu ponto final.

PERÍODO COLONIAL

O primeiro fato importante na história sanitária da Capitania de Paranaguá foi a grande epidemia de 1686.

Vieira dos Santos, baseado em documentos coetâneos da grande epidemia que atingiu grande parte da costa brasileira, assim a descreveu:

"O ano de 1686 foi o mais calamitoso que teve o solo brasileiro".

A justiça divina quis enviar um severo castigo a todos os seus habitantes, o mais espantoso de que não há memória, denominada Bicha, apareceu neste continente, caminhando ao longo da costa chegou até Paranaguá, onde a denominavam Peste Grande.

Esta peste era tão ativa que em breves dias dava à morte famílias inteiras, sem que desse tempo a experimentar remédios da medicina, os doentes não tinham um só instante de repouso.

Em uns os sintomas eram mais ameaçadores, em outros aparecia calor tépido, pulso sossegado, e alguns delírios, grande febre, expirando todos, lançando sangue pela boca. Em Paranaguá o povo recorreu ao patrocínio da Virgem Santíssima do Rocio e, usando os doentes do cozimento da erva do bicho, este fazia com que os mesmos lançassem por vômitos bichos cabeludos à semelhança das lagartas das hortas mas nem mesmo assim os doentes escapavam da morte.

Era outra semelhante a cholera morbus moderna".

A epidemia da bicha tem sido interpretada variadamente, e não há elementos seguros para determinar sua etiologia.

Segundo alguns historiadores, teria sido uma epidemia de febre amarela.

A semelhança ao colera morbus foi assinalada por Vieira dos Santos, bem como a rapidez de sua transmissão.

O nome peste da bicha tem tido várias explicações. Alguns o associam ao fato de que os doentes faziam uso da infusão de "erva do bicho".

Outros, referem a semelhança de seus efeitos ao bote de uma cobra, chamada bicha.

Parece mais verossímil que a denominação fosse devida a que Antonio Brebon, um prático com conhecimentos cirúrgicos, tendo realizado, em 1691, autópsia em uma das vítimas, na Bahia, encontrou áscaris nas vísceras e a eles atribuiu doença. É compreensível que isto fosse feito, também, pelo povo, ao testemunhar a presença de "bichas" nos vômitos e evacuações dos pestosos.

Durante o período colonial a comarca de Paranaguá, distante do centro político de São Paulo, a que estava subordinada, não contava com estrutura sanitária ou hospitalar.

As poucas medidas contra as epidemias eram tomadas pelos corregedores ou pela própria Câmara Municipal.

Durante a Peste Grande e, mesmo, nos fins do século XVII, e começo do século XVIII, não há documentos sobre presença de médicos na vila de Paranaguá.

Estes começam a surgir da década de 1720.

Assim, em papéis do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, cujas cópias estão no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, aparece referência a João Guilhote, testemunha de um processo instaurado em 1726, como "morador da vila de Paranaguá e viver de cirurgião".

Guilhote estivera anteriormente em São Paulo, como "cirurgião barbeiro da vila".

Nos mesmos documentos, aparece o nome de Francisco Monteiro, também como testemunha em um processo, e que declarou ser "cirurgião aprovado, morador na vila de Paranaguá e que há pouco tempo assiste nesta vila".

Em 1756, aparece o nome de José Pessoa de Barros, em uma devassa para apurar a mineração clandestina de ouro.

Em 1773, uma certidão do escrivão de Paranaguá atesta a eleição de Antonio Saraiva Pereira da Costa como cirurgião da vila, confirmada em 1775, a pedido do mesmo, pela Câmara, conforme consta nos referidos Arquivos.

Em 1788, segundo registro de Vieira dos Santos, a vereança assinalava uma grande epidemia de "câmaras ou disenterias de sangue".

Somente nos primeiros anos do século XIX a Câmara Municipal resolveu criar um tributo, os chamados subsídios literários, destinado ao pagamento de um cirurgião.

Nesta época aparece a mais destacada figura de medicina colonial de Paranaguá, o Alferes João Baptista Vieira Ramalho.

Vieira Ramalho nasceu em Braga, Portugal, onde prestou exames para obter autorização para exercer a profissão médica.

Teve muitos anos de prática no Hospital Real do Rio de Janeiro, onde prestou novos exames para conseguir carta de cirurgião vindo, mais tarde, para Paranaguá.

Aqui iniciou suas atividades em 1795, sendo subsidiado por subscrição popular de cento e oitenta e oito mil réis por ano.

A subscrição popular foi diminuindo, e, em 1804, o Ouvidor Geral da Câmara recebeu pedido da vereança para que obtivesse pagamento real.

Em 1810, tendo fracassado as providências para manter-lhe o pagamento, "se despachou para a Ilha de Santa Catarina".

Segundo o registro histórico de Vieira dos Santos a viagem foi sustada "a pedido de trinta homens da principal nobresa e alguns sacerdotes".

O assunto só teve solução em 1814, quando uma provisão régia deu-lhe o ordenado de duzentos mil réis, pagos na Junta Real da Fazenda, pelo rendimento da contribuição literária, estabelecida pelo aviso real de 3/10/1808, com "a obrigação de curar gratuitamente os pobres e os escravos das fazendas dos denominados jesuitas".

Falecendo em 21 de julho de 1833, o Alferes Ramalho, sua morte foi assim registrada por Vieira dos Santos: "cidadão benemérito, pae da pobreza, ;com sua liberalidade supria as necessidades, exerceu sua arte cirúrgica em Paranaguá por mais de vinte e cinco anos, sua morte geralmente sentida, mas o seu nome será eternizado nos corações paranaguenses".

PERÍODO DO VICE-REINADO E REINADO

(1808 - 1889)

Durante as primeiras décadas no século XIX, à época da passagem da colônia a vice-reinado, a assistência médica à população paranaguense ficou a cargo do alferes Vieira Ramalho.

A cidade continuava sujeita a epidemias.

Em 1805, a vereança registrava que o General da Capitania de São Paulo, Antonio José de França e Horta, mandou da sede da Capitania a Paranaguá, um ajudante de cirurgião com pús vacínico, para "incular bexiga em todo o povo, e foi esta a primeira vez que este novo método apareceu".

Essa providência merece admiração, se considerarmos, que Edward Jenner publicara a descoberta da vacina variólica, apenas sete anos antes e seu uso difundiu-se no Brasil a partir de 1804.

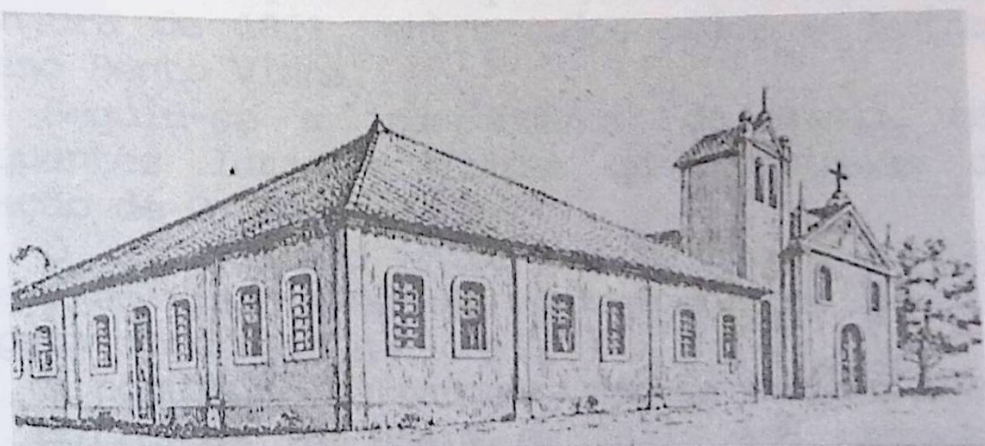
Nos meses de maio e junho daquele mesmo ano de 1805, houve "grande peste de sarampo, da qual morreram bastantes pessoas".

Em 1836, apesar da vacinação, de 1805, o Capitão-mor Manoel Antonio Pereira oficiava ao Presidente da Província, participando o aparecimento da peste das bexigas em Paranaguá, "havendo 14 doentes delas, das quais já haviam morrido três, e que os povos estavam muito assustados e temerosos". Em resposta, no ano seguinte, 1837, o Presidente oficiou à Câmara, remetendo lâmina com pús vacínico para combater a epidemia.

A população de Paranaguá no início do século XIX era de cerca de 5000 pessoas e carecia completamente de assistência hospitalar.



Comendador Manoel Francisco Corrêa Jr. Fundador da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá. 1835



Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá, junto à Capela de Bom Jesus do Perdão. 1841

Escreve Nascimento Júnior: "não sendo raro o fato de infelizes enfermos ao abandono, quando a caridade particular não os amparava, e se, era, então, a vila isolada pela varíola, se estabelecia lazaretos de emergência nos arredores para tratamento dos variolosos indigentes". E, prosseguem as informações de Nascimento Júnior: Em 1833 se via na rua da Ordem as ruínas do antigo Hospício religioso, contíguo ao local onde, em 1777, existia um forte que dominava o Rio Taguaré para defesa da Vila".

Esta fortificação ocupava a ribanceira, exatamente no extremo da rua XV de Novembro. O Hospício, que havia servido aos padres franciscanos, obstruía o eixo da rua. As ruínas foram cedidas, em 1833, à Câmara Municipal e desta adquiridas pelo Cel. Manoel Ricardo Carneiro, e serviram de base ao palacete hoje propriedade da família Alberto Veiga.

Não possuímos dados que assegurem o regular funcionamento do Hospício, mas sabemos "que seu abandono data 1757 ou 1760, com a retirada dos religiosos".

Nesta época, Paranaguá era o principal núcleo social do Paraná e acalentava a idéia de emancipação política, já antecipada por Affonso Botelho.

A idéia separatista persistiu e consubstanciou-se na conjura de 1821, entre cujos próceres destacou-se Floriano Bento Viana.

Seguiu-se a independência do Brasil, com as subseqüentes lutas políticas que culminaram com a abdicação de D. Pedro I.

O antagonismo entre brasileiros e portugueses colocava em risco a estabilidade do regime monárquico e a própria soberania nacional.

A população parnanguara não se manteve alheia às lutas políticas e, assim em 1831, ano marcado pela abdicação de Pedro I, fundou-se na cidade a "Sociedade

Patriótica dos Defensores da Independência e das Liberdades Constitucionais".

Consciente das necessidades prementes de assistência hospitalar, a Sociedade Patriótica, já em sua fundação, previa que se criasse um Hospital, tão logo as finanças permitissem.

Consolidado o Império e o regime constitucional, os membros da Sociedade passaram a preocupar-se com a fundação do Hospital.

Em 26 de junho de 1835, Manoel Francisco Corrêa Jr. apresentou proposta de transformação da Sociedade Patriótica em Irmandade da Santa Casa de Misericórdia.

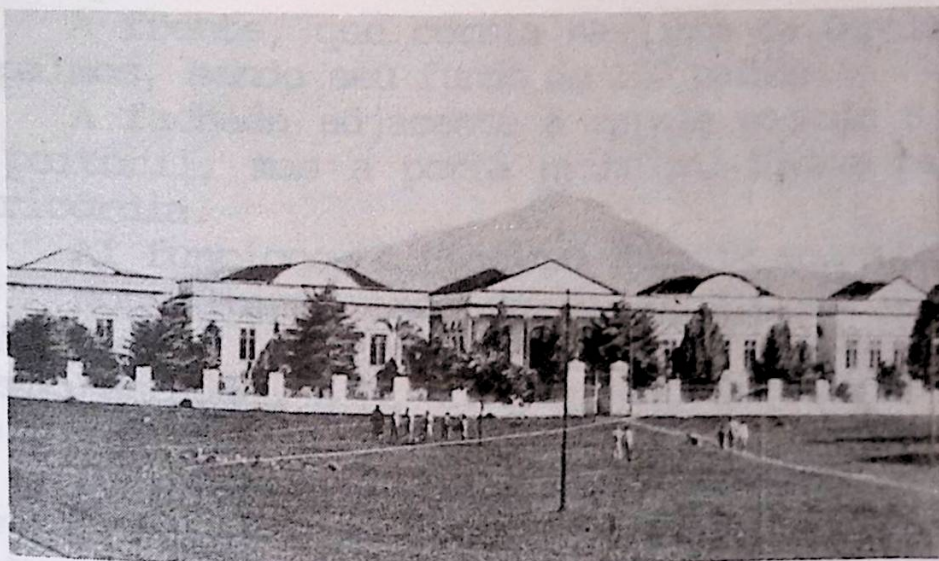
A proposta foi aprovada e o Comendador Corrêa Jr. eleito seu primeiro provedor.

Em 1836 instalou-se provisoriamente um Hospital, em prédio alugado ao próprio Comendador, supondo-se ter sido ele um sobrado na esquina da rua Bom Jesus (atual Conselheiro Barradas) com a rua da Ordem (atual XV de novembro), no local onde funcionou, mais tarde a Casa Barranco.

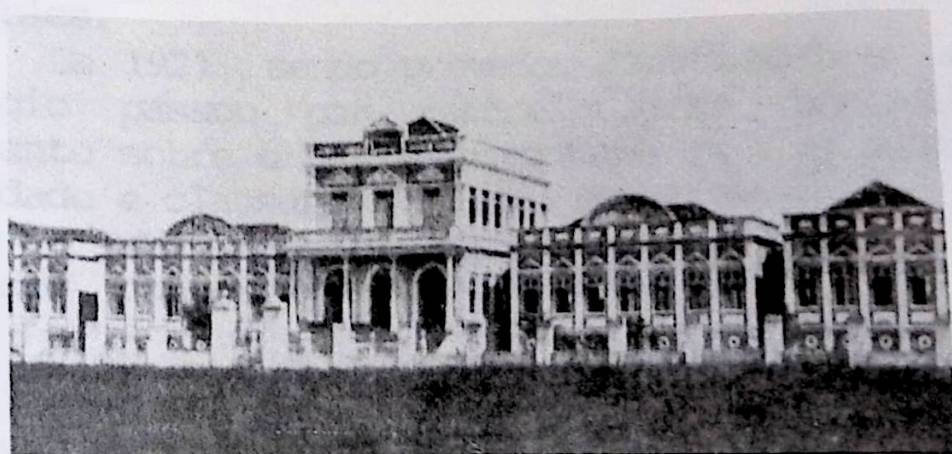
Como aconteceu em outras cidades brasileiras, inclusive em Curitiba, a Maçonaria prestou grande colaboração à Irmandade da Santa Casa. Com seu auxílio construiu-se o primeiro Hospital da Santa Casa, junto à Capela do Bom Jesus dos Perdões, terminado em 1841.

A Capela do Bom Jesus existia desde 1710. Construída por José da Silva Barros, foi sucessivamente amparada por vários protetores, estando Manoel Francisco Corrêa Jr. em função, quando foi fundada a Irmandade.

O terreno em que foi construído o Hospital era contíguo à Capela, e servia de cemitério, principalmente às vítimas de varíola (o que deu origem às lendas sobre o aparecimento, no local, de almas penadas, "clamando contra o procedimento anti-cristão dos que as haviam sepultado fora do Campo Sagrado").



Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá
1903



Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá
1921

O Hospital era um edifício de certa imponência para a época.

A frente, que corria na linha da Capela, media 100 palmos, sendo seu fundo de 150 palmos.

A fachada adjacente à capela possuía 6 janelas com peitoril, mas a porta principal ficava na rua da Misericórdia.

Aí funcionou o Hospital durante sessenta anos.

Nos últimos anos do século XIX, já sob regime republicano, a cidade conseguiu recursos junto ao governo estadual para auxiliar a construção de um novo Hospital.

Os sucessos da Revolução Federalista haviam atingido fundamente a cidade, quando as lutas entre maragatos e pica-paus deixaram marcas profundas, atingindo as famílias paranaguenses.

A representação política dos parnanguaras no governo do Estado certamente terá facilitado a obtenção de recursos.

No governo do Estado, estavam os paranaguenses Santos Andrade, Vice-presidente, Luiz Antonio Xavier, Secretário do Interior, e o engenheiro Candido Ferreira de Abreu, Secretário de Obras Públicas, que supervisionou a construção.

A inauguração do prédio deu-se em 3 de junho de 1900, sendo provedor e prefeito João Guilherme Guimarães.

Em 1921, sendo provedor José Gonçalves Lobo, o edifício passou por reforma, sendo construído um pavimento sobre o pavilhão central, para as sessões da Irmandade e clausura das irmãs de caridade.

O edifício, com vários melhoramentos, ao longo dos anos, conserva-se até os nossos dias.

OS MÉDICOS DA SANTA CASA

O primeiro médico a trabalhar na Santa Casa, no Hospital provisório da rua da Ordem, foi o irlandês Guilherme Wyle que, em 1838, ofereceu-se para curar os enfermos. No ano seguinte o Dr. Wyle requereu à Irmandade a quantia de duzentos mil réis, sendo deliberado pela mesa que "o procurador fizesse com ele ajuste".

Realmente, o "ajuste" foi feito, pois, nas despesas de 1839, constam cento e cinquenta mil réis como proventos do médico assistente.

O Dr. Wyle prestou serviços até seu falecimento, em 1846, ano em que consta da receita o legado de cento e cinquenta mil réis, do "falecido Dr. Guilherme".

A partir de 1845, consta o pagamento ao cirurgião-mor Dr. Joaquim Pires Garcia. De 1844 a 1846 constam pagamentos ao cirurgião-mor assistente, Dr. Manoel José Cunha Machado.

Não há muitos dados sobre a atuação dos Drs. Cunha Machado e Pires Garcia, sendo apenas registrado que a Câmara, em 1838, facultava a este último, "vacinar em sua casa".

No ano de 1850 o Dr. Eduardo Killer, cuja proviniência desconhecemos, oficiava à Câmara prometendo consultas à pobreza, todos os dias, no consultório da Misericórdia.

A Câmara oficiou ao Capitão-mor Manoel Antonio Pereira fazendo-lhe ver que, como se achava doente o Inspetor de Saúde, o Dr. Eduardo Killer se incumbisse do tratamento dos enfermos contagiosos da peste reinante, que se achavam a bordo dos navios.

O inspetor de Saúde talvez fosse o Dr. Manoel José Cunha Machado, que fora nomeado, por decreto de

17 maio de 1844, provedor da Saúde do Porto de Paranaguá.

Em 1854, o Presidente da Província, em seu relatório anual, registrava a existência de varíola em Paranaguá, assinalando que os doentes eram atendidos pelos Drs. Alexandre Bousquet e Ricardo Augusto de Silva Rego, no lazareto da Ilha das Cobras.

Os dados das notícias sobre a doença em Paranaguá

Natur

Estado em t

Guaratuba,

Não

nosso litor

Dr.

relatório a

foram amare

médico do la

a ter trab

Mangarellos

Nos

com diversas

convencido

ocorrência.

Em P

alido em d

Naconica Pe

agente cons

varios "ata

Em M

se da cidad

que a mais

Luz o futuro

estada na hospital

substituí-lo em Paranaguá.



Alexandre Bousquet, médico francês que se fixou em Paranaguá em torno de 1850.

O Dr. Silva Rego, que estava em Paranaguá, substituí-lo em Paranaguá.

17 maio de 1844, provedor de Saúde do Porto de Paranaguá.

Em 1864, o Presidente da Província, em seu relatório anual, registrava a existência de varíola em Paranaguá, assinalando que os doentes eram atendidos pelos Drs. Alexandre Bousquet e Ricardo Augusto da Silva Rego, no lazareto da Ilha das Cobras.

Os documentos e jornais da época trazem várias notícias sobre a atuação médica de Bousquet e Silva Rego em Paranaguá.

Natural da França, Bousquet veio para nosso Estado em torno de 1850, fixando-se, inicialmente, em Guaratuba, transferindo-se, depois para Paranaguá.

Não conhecemos os motivos que o trouxeram ao nosso litoral.

Em 1854, já estava em Paranaguá, e enviou relatório ao governo provincial sobre uma epidemia de febre amarela. Neste relatório refere que tinha sido médico do Hospital de coléricos em Sevilha, na Espanha, e ter trabalhado, depois, na cidade de Porto e em Massarells, em Portugal.

Nos vários locais em que atuou teve experiência com diversas epidemias e fez observações que o haviam convencido da influência das fases da Lua em sua ocorrência.

Em Paranaguá, integrou-se na vida social, tendo sido um dos fundadores e primeiro venerável da Loja Maçônica Perseverança, Inspetor de Saúde dos Portos e agente consular da França (1863). Os jornais registraram vários "atestados por curas extraordinárias".

Em 1862 transferiu-se para Iguape, e, despedindo-se da cidade, pela imprensa, escrevia "acreditem todos que a mais cara reminiscência de minha vida (seja qual for o futuro que me reserve e Providência) será de minha estada na hospitaleira província do Paraná".

O Dr. Silva Rego, que estava em Iguape veio substituí-lo em Paranaguá.

No ano seguinte, 1863, o Comércio do Paraná noticiava que o Dr. Alexandre Bousquet voltara de Iguape a Paranaguá, pois o Dr. Silva Rego não podia atender todos os casos de bexigas.

Os dois médicos trabalhavam em colaboração, pois o jornal de 3 de maio de 1863 noticiava que os Drs. Bousquet e Silva Rego haviam realizado, na Santa Casa, operação para extirpação de uma "excrescência cancerosa" na omoplata direita.

A operação durou sete minutos e teve êxito, sendo o doente cloroformizado. A peça operatória pesou cerca de 6 libras. O jornal acrescentava que o paciente estivera em várias cidades, vindo encontrar sua cura em Paranaguá.

O uso do clorofórmio em operações cirúrgicas era recente. Realmente, este agente foi empregado pela primeira vez por Simpson, em Edimburgo, em 1847, e difundiu-se a partir de 1853, após a utilização por Simpson no parto de Rainha Victória.

Em 1870 Bousquet deixou a cidade, sendo substituído pelo Dr. Eugênio Guimarães Rabello na Inspeção de Saúde do Porto.

O Dr. Silva Rego continuou na cidade, exercendo a clínica, até os últimos anos do século. Deve ter sido uma figura querida da população, como testemunha a lei municipal de 19/9/1900, que denominou "Rua Dr. Rego" via pública, em homenagem ao Dr. Ricardo Augusto da Silva Rego, "que prestou serviços à pobreza".

Durante os anos em que a população parnanguara, principalmente os assolados pelas epidemias de varíola e febre amarela, foram atendidos pelo Drs. Alexandre Bousquet e Silva Rego, encontramos notícias sobre a atuação controversa de dois médicos ou práticos estrangeiros.

O relatório do Presidente da Província José Antonio Vaz e Carvalhaes, em 1863, referia que o

experiente Carlos Thobias "estava encarregado da direção médico-cirúrgica do Hospital".

O Dr. José Cândido Murici, que viera da Capital da Província para tratar da epidemia de varíola, em 1857, refere-se a Carlos Thobias Reichsteiner como "prático".

O fato é que o primeiro registro do livro de Registro de Títulos da Câmara Municipal de Paranaguá (1845 - 1881) é o título de médico de Thobias Reichsteiner, suíço, formado na Real e Imperial Universidade de Viena.

Ainda naquele mesmo ano de 1863, o Provedor de Saúde, Angelo Reye, oficiava ao Governador, reclamando providências contra a atuação do "estrangeiro Krebs", que "sem título legítimo" continuava a encarregar-se do tratamento de doentes".

Krebs faleceu durante uma epidemia, sendo atendido, aparentemente, por Reichsteiner. Sua morte foi atribuída à colera e imputada a falha na ação da Comissão Especial de Saúde Pública, formada por leigos, para coordenar a ação sanitária durante aquela emergência.

A Câmara dirigiu-se ao governador, fazendo ver que a morte de Krebs fora devida "à febre amarela, complicada com outras enfermidades que aquele médico padecia".

O governador em resposta à Câmara, declarava "não poder aceitar acusações vagas contra a Comissão Especial de Saúde", elogiando sua atuação.

Não fica claro se Krebs era médico formado no exterior, sem legalização de seu título no país, ou mero prático, mas sua atuação juntamente com Reichsteiner ficou como uma passagem controversa na crônica médica paranaguense.

LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA

Em 1874 voltou a Paranaguá o Dr. Leocádio José Correia, após terminar o curso médico na Corte, e que haveria de marcar época em nossa história médica.

Foi o primeiro paranaguense a formar-se em medicina.

Foram seus pais Manoel José Corrêa comerciante português e Gertrudes Antonia da Costa, filha do último Capitão-mor de Paranaguá, Manoel Antonio Pereira. Nasceu em 16/2/1848.

Pertência, à família de Manoel Francisco Corrêa, fundador da Santa Casa, sendo seu pai, Manuel José, filho de Urbano Correia, primo de Manoel Francisco Corrêa, o Velho.

Clinicou em Paranaguá por treze anos, até sua morte prematura em 1886, devida a "febre álgida maligna" segundo consta em seu registro de óbito.

Desde sua volta à terra natal, obteve grande sucesso, graças a sua formação médica esmerada e ao notável carisma pessoal.

Participou intensamente na vida política, social e cultural de sua terra.

Deputado provincial, por dois mandatos, pelo Partido Conservador, presidente do Clube Literário, Inspetor Paroquial das Escolas de Paranaguá e Antonina, redator do jornal "o Itiberê", teatrólogo, poeta e orador.

Leocádio Correia viveu em Paranaguá em dias de grandes debates políticos, do final do Império e abolição da escravatura. Sua formação e laços familiares levaram-no naturalmente ao Partido Conservador, do qual vários parentes próximos eram próceres eminentes.

A generosidade pessoal e a própria profissão a que se entregava com tanto ardor não poderiam deixar

de fazê-lo simpático por todos os pontos.
Entretanto, as ligações entre os movimentos
abolicionista e republicano e a imprensa se participam
ativamente da propaganda liberalizadora.

Não obstante a importância de sua ação política,
social e intelectual nada obsta para que seja uma figura
humana do que a atuação médica.

A clínica desenvolveu-se rapidamente e sua
reputação de médico humanitário chegou a todo
o litoral, tornando-se uma das principais fontes de

Atende a todos os doentes, inclusive os
escravos e os pobres, sem cobrar nada.
fazendo de sua clínica um verdadeiro hospital.

Vive a vida de um homem de letras e de
evocação por sua obra e por sua pessoa.
as fronteiras da medicina e da literatura.

A sua obra é particularmente importante
de 1878.

Seu trabalho é modelar e
das Neves e da Silva para socorrer
para socorrer os doentes.

A obra de João José
estado em
ocorrera na
Cinco anos



Dr. Leocádio José Correia, primeiro médico nascido em
Paranaguá. 1848 - 1886

de fazê-lo simpático às idéias abolicionistas. Entretanto, as ligações entre os movimentos abolicionista e republicano o impediram de participar ativamente da propaganda libertária.

Não obstante a intensidade de sua vida política, social e intelectual nada caracteriza melhor sua figura humana do que a atuação médica.

A clínica desenvolveu-se rapidamente e sua reputação de médico humanitário espalhou-se por todo litoral, tornando-se uma legenda.

Atendia na cidade e arredores, dispensando aos escravos e à pobreza a benemerência de sua dedicação, fazendo de seu nome um símbolo da medicina paranaguense.

Vive até hoje no coração do povo, aureolado pela evocação permanente que lhe fazem os humildes, atingindo as fronteiras do sincretismo religioso popular.

A ação médica de Leocádio Correia foi particularmente marcante na epidemia de febre amarela, de 1878.

Seu relatório, de 1879, sobre o estado sanitário é modelar e refere-se à presença do Dr. Amaro Ferreira das Neves Armonde, comissionado pelo governo provincial para socorrer as vítimas da epidemia de febre amarela.

A epidemia foi controlada. Em 1881, o presidente João José Pedrosa afirmava em seu relatório, sobre o estado sanitário da Província, que naquele ano não ocorrera nenhum caso de febre amarela.

Cinco anos mais tarde falecia Leocádio Correia.

FIM DE SÉCULO

Pouco menos de um ano antes da morte de Leocádio Correia, o jornal Livre Paraná, em 14/7/1885, anunciava:

"Dr. Espíndola - médico operador. Atende tanto nesta cidade como para fora. Gratuitamente aos pobres - Dá consultas de 1 às 3 horas e reside temporariamente no Hotel Campos".

A nova fase da medicina paranaguense corresponde, no campo político, ao fim do império, que seria, logo após, marcado pela Revolução Federalista de 1893.

O Dr. João Evangelista Espíndola, natural do Rio Grande do Sul, formou-se no Rio de Janeiro em 1883.

Chegou a Paranaguá em 1885 e aí exerceu a clínica até 1894, tendo ocupado as funções de Diretor da Santa Casa, de Inspetor de Saúde dos Portos e Diretor de Higiene Municipal.

Adepto da Revolução Federalista, ficou à frente do corpo de saúde do "Exército Libertador".

Após a derrota das forças maragatas, em 1894, transferiu-se para Curitiba, onde prosseguiu sua carreira médica e política, tendo sido Diretor Clínico da Santa Casa de Misericórdia e o primeiro professor de Clínica Médica da Faculdade de Medicina.

Mereceu a concessão, pela Câmara Municipal, em 1889, de medalha de honra ao mérito, pelos serviços prestados à cidade.

Após a saída do Dr. Espíndola vamos encontrar o Dr. José Justino de Mello marcando sua presença na sociedade paranaguense.

O Dr. Mello nasceu em Diamantina, Minas Gerais, e formou-se aos 21 anos de idade, no Rio de Janeiro.

Veio, a seguir, para Antonina, onde permaneceu por dez anos, e prestou relevantes serviços à cidade.

Transferiu-se para Paranaguá, nos últimos anos do século passado, tendo sido nomeado para substituir o Dr. Leocádio, em 26/6/1886, e aqui permaneceu até seu falecimento, em 11 de novembro de 1906.

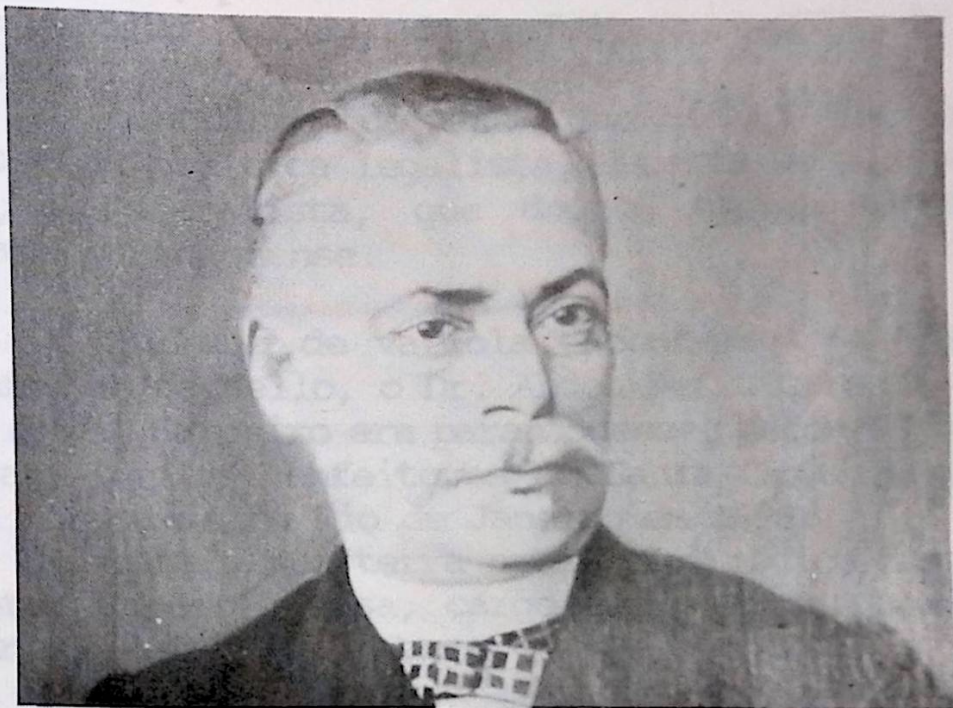
Durante muitos anos atuou zelosamente na cidade, notadamente nas epidemias de febre amarela e varíola.

Em 1889, por seu trabalho desenvolvido durante o surto de febre amarela, foi nomeado chefe do serviço de saúde.

Fervoroso participante da Revolução de 1893, foi nomeado chefe do serviço de saúde da cidade.

José Justino de Mello, médico mineiro, nasceu em 1840, em São Paulo, e veio para o Paraná em 1860, para trabalhar no serviço de saúde da cidade.

Em 1876, foi nomeado chefe do serviço de saúde da cidade, e dirigiu o serviço até 1886.



Dr. José Justino de Mello - médico mineiro que atuou em Paranaguá de 1886 - 1906

Em 1902, o Dr. José Justino de Mello foi nomeado chefe do serviço de saúde da cidade, e dirigiu o serviço até 1906.

De Paranaguá mudou-se para Curitiba em 1906, de lá, para Curitiba, onde se dedicou ao trabalho da Faculdade de Medicina.

Veio, a seguir, para Antonina, onde permaneceu por dez anos, e prestou relevantes serviços à cidade.

Transferiu-se para Paranaguá, nos últimos anos do século passado, tendo sido nomeado para substituir o Dr. Leocádio, em 26/6/1886, e aqui permaneceu até seu falecimento, em 11 de novembro de 1906.

Durante muitos anos atuou altruisticamente na cidade, notadamente nas epidemias de febre amarela e varíola.

Em 1889, por seu trabalho desvelado durante o surto variótico, recebeu de Prefeitura, medalha de honra ao mérito.

Ao contrário do Dr. Espíndola, foi adepto fervoroso da política legalista, durante os sucessos da Revolução Federalista, que deixou tantas marcas na sociedade paranaguense.

Na epidemia de varíola encontramos, ao lado de José Justino de Mello, o Dr. Abdon Petit Carneiro.

Petit Carneiro era paranaguense, neto do Visconde de Nacar, um dos benfeitores da Santa Casa. Nasceu em 1876 e formou-se no Rio de Janeiro em 1898.

De volta a sua terra natal, foi médico municipal e diretor da Santa Casa, cargo que ocupava quando foi inaugurado o prédio do Campo Grande, em 1900.

A eclosão da epidemia de varíola provocou providências das autoridades do Estado, que enviaram à cidade, os Drs. Randolpho Serzedelo e seu auxiliar Dr. Sebrão, conseguindo dominar o surto.

Em 1901, o Dr. Petit Carneiro esteve em São Paulo, trabalhando no Instituto Bacteriológico do Butantã em Campos, Estado do Rio, para estudar, in loco, o uso dos soros anti-pestosos.

De Paranaguá mudou-se para Ponta Grossa em 1905, de lá, para Curitiba, onde se destacou na fundação da Faculdade de Medicina.

Nesta época foi também médico em Paranaguá, o Dr. Caetano Munhoz da Rocha. Antoninense, nascido 14 de maio de 1879, estudou medicina no Rio de Janeiro, concluindo o curso em 1902.

Clinicou até 1905, tendo servido como médico da Santa Casa e Inspetor de Saúde dos Portos.

Atraído pela política, deixou a medicina. Elegeu-se deputado em 1904, tendo sido reeleito várias vezes. Foi prefeito de Paranaguá (1908-1912 e 1912-1916). Como provedor da Santa Casa (1912-1916) executou importante reforma, que dotou o Hospital de instalações sanitárias adequadas, revelando preocupação com os problemas de Saúde Pública, que caracterizou sua ação política, como governador do Estado, cargo para o qual foi eleito três vezes.

Nestes mesmos anos de início de século, registra-se a presença, em Paranaguá, do Dr. José Guilherme Loyola.

Loyola nasceu em São João da Graciosa, em 1874. Após o curso médico no Rio de Janeiro, onde formou-se em 1899, veio para Antonina, e, em 1906, para Paranaguá.

Aqui permaneceu como médico municipal de 1906 a 1908.

Passou a diretor do Serviço de Higiene do Estado, na capital. Voltou a Paranaguá em 1914, permanecendo até 1917, quando regressou para Curitiba.

Na Capital, passou a dirigir o Hospital Psiquiátrico N.S.da Luz, tendo sido catedrático de Clínica Neurológica e Psiquiátrica da Faculdade de Medicina.

O Dr. João Coelho Moreira, nascido na Bahia, chegou a Paranaguá em 1900, como sub-inspetor de Saúde dos Portos. Permaneceu até 1920, exercendo a clínica humanitariamente, e voltou, por motivo de saúde, para sua terra.

Ainda nessa época encontramos, entre os médicos da Santa Casa, o Dr. Francisco Lucas Trevisani.

Nascido em Modena, na Itália, em 22/7/1850, formou-se em sua terra natal em 1876. Veio para o Brasil como médico de bordo de navio que transportava colonos para Morretes. Permaneceu em nossa cidade alguns anos, constando da relação de médicos da Santa Casa.

Dirigiu-se, depois, para Palmeira. Em fins de 1899, foi o primeiro médico a acompanhar os imigrantes italianos da Colônia Cecília, embora não partilhasse das idéias políticas que inspiraram a malograda tentativa de estabelecimento do núcleo anarquista no planalto central paranaense.

O Dr. Caetano Munhoz da Rocha foi substituído na Santa Casa pelo Dr. Belmiro Saldanha da Rocha.

Nasceu Belmiro Saldanha da Rocha em Campo Largo, em 21/1/1890, formando-se no Rio de Janeiro em 1906.

Em 1907 esteve clinicando em Jaguariaíva, e veio para Paranaguá em 1908, e aqui viveu vinte e sete anos (até 1935).

Foi médico da Prefeitura (1908 - 1927), da Saúde dos Portos (1912-1922) e da Escola de Aprendizes de Marinheiros.

Exerceu a provedoria da Santa Casa de (1929 a 1935). Após longos anos de atividade clínica na cidade transferiu-se para o Rio Grande do Sul, como inspetor de Saúde dos Portos do Estado.

A INFLUÊNCIA DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

A fundação da Universidade do Paraná, em 1912, contou com a participação essencial, na Faculdade de Medicina, dos paranagueses Nilo Cairo da Silva e Petit Carneiro.

A criação de uma Universidade em nosso Estado não poderia deixar de ter grande influência na vida social, ampliando horizontes e criando novas oportunidades em todos seus setores.

A medicina em Paranaguá, tão próxima do núcleo irradiador da Universidade, foi influenciada com a possibilidade de seus jovens seguirem a carreira médica, ou pela vinda, à cidade, de profissionais formados em Curitiba.

Antes da fundação da Universidade, estavam em Paranaguá os Drs. Belmiro Saldanha da Rocha, João Coelho Moreira, Arthur José Bastos e Octavio Poitier Monteiro.

Os três primeiros eram baianos e, o último, fluminense.

Já nos referimos aos Drs. Saldanha da Rocha e Coelho Moreira.

Arthur José Bastos, médico baiano, esteve em nossa cidade por três vezes, clinicando particularmente. Manoel Viana, em suas recordações, registra "foi um ótimo médico, por excelência humanitário, principalmente para a classe humilde".

Muito independente, sofreu sempre a pressão da política da época, pois ele era apolítico". Teve importante atuação na epidemia de peste bubônica de 1926, conforme descrevemos adiante.

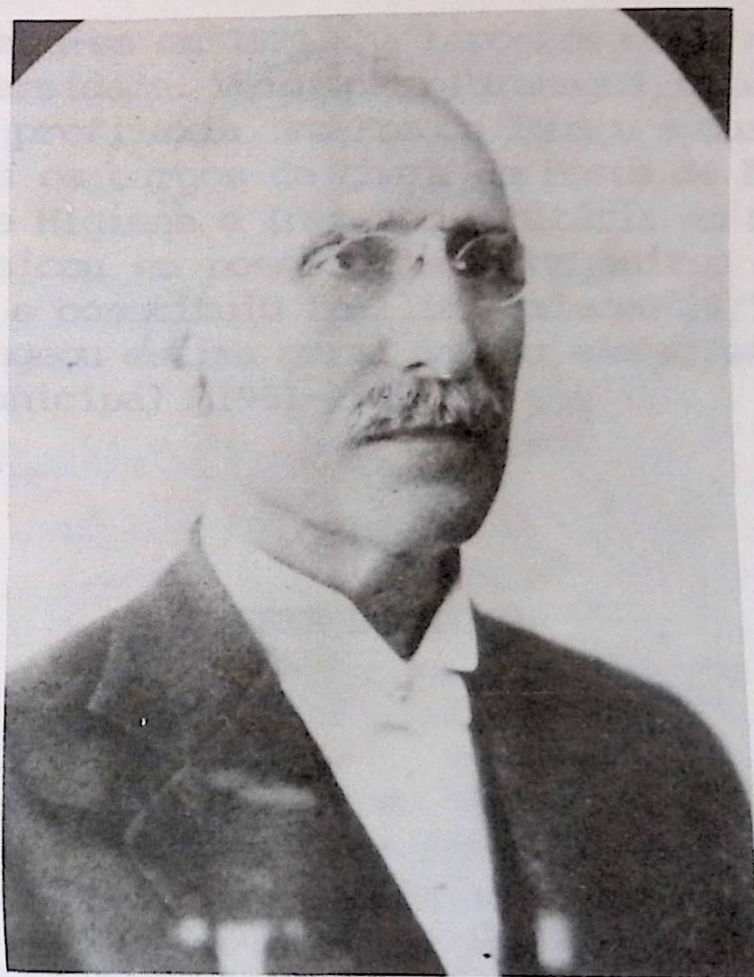
Octavio Poitier Monteiro, natural do Estado do Rio, nasceu em 6/12/1891 (filho de Luiz Alves Monteiro e Hermínia Angelina Poitier Monteiro).

Formou-se no Rio de Janeiro em 1911, após o término da 1ª década, em contínua atividade médica.

O primeiro médico formado no Rio de Janeiro em Paranaguá foi o Dr. Ruy Vernalha.

Natural de São Roque, Estado de São Paulo, nasceu em 12/10/1894, filho de Joaquim e Maria Vernalha.

Por ser filho de um médico, começou a trabalhar na área de saúde desde cedo. Foi Delegado do Município de São Roque, Presidente do Conselho Municipal de Saúde e, posteriormente, raditou-se e tornou-se médico. Foi também Prefeito Municipal de São Roque.



Dr. Arthur José Bastos - médico baiano que atuou em Paranaguá, a partir de 1921.

pelo estado de São Paulo, em 1921, após o término da 1ª década, em contínua atividade médica.

O Dr. Ruy Vernalha, formado em Medicina no Rio de Janeiro em 1911, foi o primeiro médico formado no Rio de Janeiro em Paranaguá.

Formou-se no Rio de Janeiro em 1915, vindo para Paranaguá em 1921, aqui permanecendo até o final da década, em contínua atividade clínica.

O primeiro médico formado no Paraná a fixar-se em Paranaguá foi o Dr. Roque Vernalha.

Natural de São Roque, Estado de São Paulo, nasceu em 12/10/1894, filho de Domingos e Rosalia Vernalha.

Formou-se em 1921, na terceira turma graduada de nossa Universidade. Veio, para Paranaguá, após trabalhar na área de profilaxia, em Foz do Iguaçu e Guaraqueçaba. Desempenhou os cargos de chefe do Posto de Profilaxia, Delegado de Higiene e Inspetor Sanitária em Paranaguá.

Clinicou em nossa cidade por muitos anos, aqui radicou-se e constituiu família. Faleceu 28/1/1956.

Grangeou estima geral da sociedade, sendo eleito Prefeito Municipal (1951-1955).

A PESTE BUBÔNICA

O segundo semestre de 1926 foi marcado dolorosamente na história da cidade.

As autoridades sanitárias tomavam medidas para proteger a população contra o alastramento da varíola, que ocorria no Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 15/9/1926 o jornal Diário do Comércio, de Paranaguá, noticiava que "O Posto de Profilaxia, zelava pelo estado sanitário da cidade evitando o ataque da fatal moléstia".

O Dr. Roque Vernalha, Delegado de Higiene, Inspetor Sanitário e Chefe do Posto de Profilaxia

tinha distribuído cartazes de propaganda da vacina, como "único preventivo de que possa lançar mão a ciência".

Com a ameaça da varíola pairando sobre a cidade, em setembro de 1926, o Dr. Arthur Bastos atendeu uma paciente acometida de estranha moléstia.

Seu diagnóstico: febre bubônica.

O alarme do Dr. Bastos provocou reações na população e nos políticos. Tacharam-no de alarmista, recusando-se a crer em sua denúncia. Nem mesmo a epizootia de ratos, tão característica, da peste, convencia seus opositores.

Alheio às disputas da política, Dr. Bastos despertava antagonismo de algumas autoridades municipais.

A notificação da presença da peste bubônica foi motivo, até, de desfeitas públicas ao médico.

Infelizmente, a imprensa, nas semanas seguintes confirmava a existência da doença na cidade, e passou a noticiar o falecimento de numerosas pessoas da Sociedade paranaguense.

O Governo do Estado formou uma comissão de médicos e guardas sanitários, tendo à frente o Diretor Geral de Saúde Pública, Dr. Manoel Carrão e contou com os Dr. Bernardo Leinig, Raimundo da Silva e Antenor Pamphilo dos Santos.

O Dr. Belmiro Rocha, chefe do Serviço de Saúde do Porto considerou o porto "sujo", impondo quarentena dos navios. Em meados de novembro de 1926, os médicos enviados à cidade haviam regressado a Curitiba, e a epidemia fora debelada.

Foi esta a última epidemia que abalou Paranaguá, atingida tantas vezes, em sua história, por surtos de cólera, febre amarela, varíola, maleita e outros males.

Ficou a memória da atuação meritoria e incansável dos médicos na assistência à população na cidade.

Após a epidemia de peste bubônica veio o período final da Velha República e a crise econômica de 1929.



Dr. Roque Vernalha - natural de São Paulo, foi médico e
Prefeito da Cidade de Paranaguá. (1894 - 1956)

Nesta fase vamos encontrar três figuras médicas muito ligadas à sociedade local, iniciando suas atividades clínicas na cidade: Drs. Antonio Fontes, Annibal Ribeiro Filho e Victor Branco Lobo.

Annibal Ribeiro Filho, membro de família tradicional na cidade, dirigiu-se à Capital da República para completar seus estudos secundários e, posteriormente, seu curso médico (1930).

Voltou à cidade em 1931, iniciou sua clínica e trabalhou na Santa Casa. Permaneceu em atividade clínica até a década de 1960.

Espírito sensível, apaixonado pelas tradições da cidade, cultivou sua história. Literato, poeta e historiador, transcendeu sua atividade médica, sendo um paradigma de amor à terra natal e suas tradições.

"Les anges du Seigneur", poesia escrita, em 1935, ao comemorar-se o centenário da Santa Casa, bem serve para demonstrar seu espírito fino e erudito.

Victor Branco Lobo nasceu em Paranaguá em 1909, filho de Antonio José Santana Lobo e Tessalida Branco Lobo.

Iniciou o curso médico na Universidade do Paraná, terminando-o em 1931, na escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Voltou a sua terra, passando logo às atividades médicas na Santa Casa onde, em 1935 substituiu o Dr. Belmiro Rocha na Direção Clínica.

Durante 2ª Guerra Mundial serviu no Serviço de Saúde do Exército. Faleceu em 1945.

Antonio Fontes, nasceu em Barra Mansa, RJ, em 17/1/1905.

Diplomou-se pela Faculdade de Medicina, em 1931, sendo colega do Dr. Annibal Ribeiro Filho. Veio em seguida para Paranaguá, onde se fixou definitivamente. Exerceu a clínica na cidade e dirigiu o Hospital da Criança, e a Maternidade do qual foi o primeiro diretor em 1942. Faleceu em 19/3/1965.

A partir de 1930 Paranaguá começou a receber médicos formados na Universidade do Paraná, que passaram a ser a maioria dos profissionais da cidade.

Registramos os seguintes profissionais, indicando a Faculdade e ano em que se formaram, e a estada em Paranaguá.

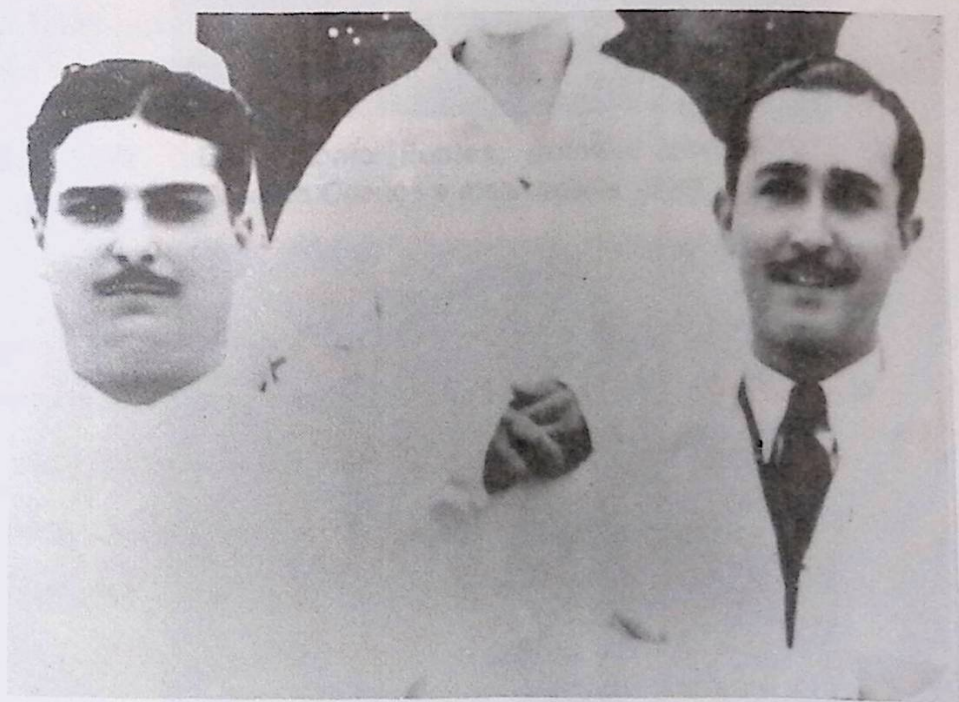
Felisberto Augusto Farracha	UPr	1922	1927-1932
Attílio D'Allo Jr.	UFRJ	1929	1930-1945
Antonio Siqueira Gusso	UPr	1932	1933-1944
Ginés Gebran	UPr	1932	1933-1950
Silvio Bittencourt Linhares	UPr	1932	1937-1943
Evaldo Seeling Filho	UPr	1936	1946-1964
Frederico Kost Massa	UPr	1937	1938-1950
Simão Aisenmann	UPr	1938	1939-1983
Joaquim Tramujas	UPr	1939	1940-1987
José Alvarenga Moreira	UFF	1941	1943-1946
Eloy Ricardo Nascimento	UPr	1941	1946-1950
Heraldo Oliveira Mello	UPr	1943	1944-1947
Jorge Anastácio	FMCRJ	1945	1948-1956
Emir Pereira Werner	FMCRJ	1948	1950-1992
Geraldo Reis	UFMG	1944	1954-1962
Clóvis Beraldi	UPr	1951	1953-1960
Ney Santos	UPr	1953	1954-1960
Victor Bacilla	UPr	1953	1954-1955

Em 14 de janeiro de 1942, fundou-se o Centro Médico de Paranaguá.

A primeira diretoria foi constituída pelos Drs. Attílio D'Allo Jr., presidente, Joaquim Tramujas, secretário e Gines Gebran, tesoureiro.

Assinaram a ata de fundação, além dos diretores eleitos, os Drs. Silvio Bittencourt Linhares, Simão Aisenmann, Juarez Cerqueira do Amaral, Victor Branco Lobo, Antônio Fontes e Annibal Ribeiro Filho.

O Centro Médico não chegou, inicialmente, a exercer atividades regulares, tendo isto sido por esta reorganizado, em 1948.



Dr. Victor Branco Lobo (à esquerda) e o Dr. Annibal Ribeiro Filho, médicos paranaguas que atuaram na cidade no início da década de 1930.

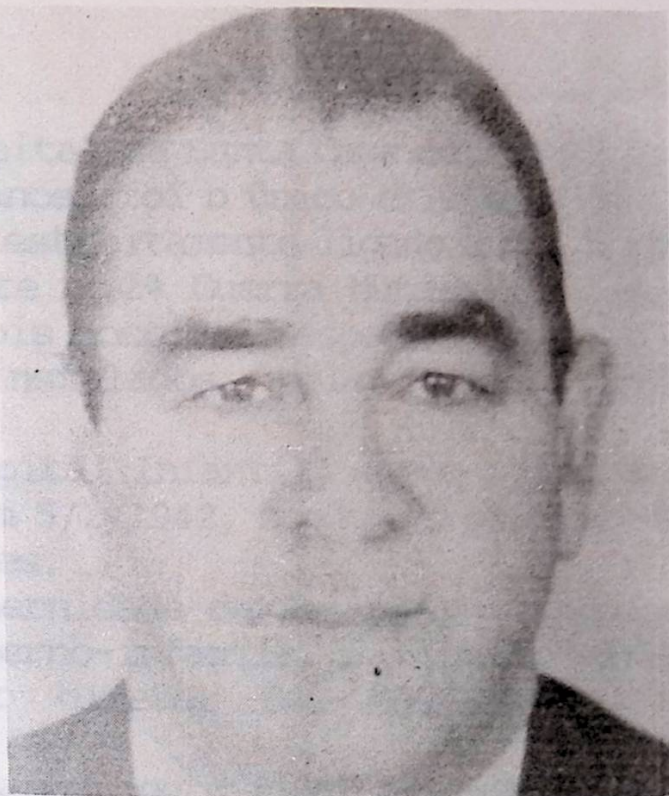
Dr. Joaquim Francisco - médico -
Cidade (1930 - 1940)

O Hospital
mais de cem anos
por isso tão
Durante
contar com dois
infantil,
Assistência.

O Hospital
inaugurado em 5/3
Antonio Fontes.

A Maternidade
conjunto materno
Seu primeiro
Fontes.

Colocou
da Medicina
crise econômica
a construção
Mundial, entre



Dr. Antonio Fontes, primeiro diretor da
Casa da Criança e maternidade. (1905 - 1965)



Dr. Joaquim Tramuja - médico e Prefeito da
Cidade (1939 - 1987)

O Hospital da Santa Casa de Misericórdia, durante mais de cem anos, foi o único existente na cidade, sendo por isso tão estreitamente ligado a sua história médica.

Durante a 2ª Guerra Mundial, a cidade passou a contar com dois hospitais especializados na área materno infantil, instalados pela região Brasileira de Assistência.

O Hospital Infantil, anexo à Casa de Criança foi inaugurado em 5/2/1942, sendo seu primeiro diretor o Dr. Antonio Fontes.

A Maternidade de Paranaguá, componente do mesmo conjunto materno-infantil, foi inaugurada em 3/9/1948. Seu primeiro diretor foi igualmente o Dr. Antonio Fontes.

Colocamos ponto final em nossa memória histórica da Medicina de Paranaguá em 1955. A cidade, superou a crise econômica que precedeu a Revolução de 1930, e com a construção de seu porto no término da Segunda Guerra Mundial, entrou na fase moderna de seu desenvolvimento.

LUIS FERNANDO REZENDE

Todo o qual era o primeiro aventureiro que se dirigiu para o extremo sul, no início do século XVIII, chegando ao Campos Gerais, prosseguindo pelo rio "Córrego do Vianão", que terminava junto ao Rio Negro.

Desde 1739 este caminho levou a alguns povoadores para suprir as necessidades das povoações de São Paulo, Minas Gerais, e naturalmente de São João del-Rei, povoado, vilas e fazendas.

Outros caminhos também foram abertos para a região: um, provindo da zona mineira, para a Argentina, outra o interior do Brasil, para o Rio Grande do Sul.

A MEMÓRIA MÉDICA DE PONTA GROSSA

Outra rota comercial para o Sul era a que se abria ao rio Paraná, através do rio Negro, criando com os índios os pontos naturais de encontro.

Por eles passava o mais variado comércio de produtos, e muitos deles eram os produtos da região.

LUIZ FERNANDO BELTRÃO

Castro, neste época, já era uma povoação, e a sua história tinha a ver com a história do Brasil. Em 1573, quando o Brasil era ainda uma colônia da Espanha, por decreto do Rei Filipe II, a dependência de Castro, como de todas as povoações da região, passou para a dependência da Espanha.

Em 1600, quando o Brasil era ainda uma colônia da Espanha, a dependência de Castro, como de todas as povoações da região, passou para a dependência da Espanha.

Em 1600, quando o Brasil era ainda uma colônia da Espanha, a dependência de Castro, como de todas as povoações da região, passou para a dependência da Espanha.

Todo e qualquer viajante, comerciante ou aventureiro que se dirigisse por terra de São Paulo para o extremo sul, no início do século 19, atravessava os Campos Gerais, prosseguindo pelo chamado "Caminho de Viamão", que terminava junto ao rio Guaíba.

Desde 1730 este caminho buscava áreas produtoras para suprir as necessidades dos centros maiores (Rio, São Paulo, Minas Gerais), e naturalmente fez surgir, ao seu longo, povoados, vilas e lugarejos.

Outros caminhos também convergiam para a mesma região: um, provindo da zona missioneira ligada à Argentina, corta o interior catarinense, cruza Palmas, Guarapuava e Imbituva, e junta-se ao de Viamão.

Outra rota convergente inicia-se em Paranaguá, sobe ao 1º planalto, alcança o 2º e cruza o rio Tibagi, criando com os demais um ponto natural de encontro.

Por eles passam os mais variados contingentes humanos, e muitos acabam fixando-se em áreas propícias, assim iniciando o povoamento do interior do Brasil.

Castro, nesta época, já era Vila e Comarca, e um de seus bairros tinha o nome de Ponta Grossa, que somente em 1823 passou a Freguesia e Paróquia de Sant'Ana, por decreto de D. Pedro I, persistindo a dependência de Castro, o que também ocorria na área médica.

A pequena povoação foi gradativamente se transformando em centro polarizador, com um crescimento da população, a instalação de um comércio estável, implantação de fazendas, vinda de imigrantes, fatos que convenceram Zacarias de Vasconcelos a propor sua elevação a Vila em 1855.

Segundo os arquivos da Câmara, em 1869 havia 3 médicos registrados: Drs. Jeronimo Pereira Maia, João Manoel Bastos, Manoel Sardinha. Em 1882 o jovem médico

João Menezes Doria instalou-se na cidade, tendo como sócio um farmacêutico que matou a esposa, episódio que passou à história da cidade sob o nome de Corina Portugal.

Menezes Doria era político, revolucionário, e ficou pouco na pequena Ponta Grossa. Conspirador por temperamento, vida agitada, acompanhou as tropas federalistas, foi aclamado Presidente do estado, depois exilado e mais tarde Senador.

Na assistência à saúde, imperavam os curandeiros e benzedeiros: Nhô Afonso, Nhá Maria Italiana, Nhá Antoninha. Foram tomando pé na praça os Drs. Felipe Vasconcelos, Eugenio Barbosa, Adolph Schubert, Berti. No final de 1879 era fundada a Lyra dos Campos, a banda organizada por José de Godoi.

Em 1893 irrompe a revolução federalista e Gumerindo Saraiva ocupa uma Ponta Grossa de 4 mil habitantes, inaugurando a via férrea de Oficinas até a estação. No ano seguinte fixa-se na cidade o Dr. Joaquim de Paula Xavier, nascido na Lapa em 1857, formado no Rio de Janeiro em 1881, tendo defendido a tese "Do Diagnóstico e Tratamento do Cancro do Fígado". Clinicou em Castro e vinha atender clientes em Ponta Grossa. Foi deputado e esteve na terra natal, prestando relevantes serviços durante o célebre cerco.

Possuidor de rara cultura e grande ilustração, como médico foi sempre humanitário, um apóstolo da ciência, predominando o desinteresse pecuniário e a extrema dedicação aos que o procuravam, apesar de suas precárias condições de saúde. Colaborou em jornais e recebeu o cognome de "Pai dos pobres", sendo considerado o 1º médico da cidade, falecendo em 1903.

A partir de 1900 registra-se a presença dos profissionais:

- Dr. Léo Zamara, médico austríaco.
- Dr. Abdon Petit Guimarães Carneiro, nascido em Paranaguá em 1876, formado no Rio em 1898; foi mais

tarde professor de Histologia da Universidade do Paraná e um dos seus baluartes, sendo patrono da cadeira nº 45 da Academia de Medicina.

- Dr. Flaviano Inocencio da Silva, baiano, foi o 1º diretor clínico da Santa Casa e posteriormente Catedrático da Universidade da Bahia.

- Dr. Joaquim de Paula Braga, nascido na Lapa, dedicado às crianças e depois Inspetor Federal do Ensino.

- Dr. Abrahan Glasser, nascido em 1887 no Rio Grande do Sul, formado em Farmácia e Medicina em 1910. Foi Prefeito de 1917 a 1920.

Em 1904 vem para Ponta Grossa o Dr. Eduardo Santos Lima, um dos primeiros médicos da Caixa de Socorros da estrada de ferro, o chamado "médico de linha". Nascido na Lapa em 1880, filho do Dr. Manoel Pedro dos Santos Lima, patrono da Fundação Santos Lima e da cadeira nº 34 da Academia de Medicina. Diplomou-se em 1903 no Rio de Janeiro, versando sua tese sobre "Valor Patogênico da 1ª Dentição", o que já demonstra sua predileção pela pediatria. Marcou com sua abnegação, bondade e espírito de sacrifício a passagem pela terra pitanguí. Seu primogênito, médico Manoel Pedro, nasceu em Ponta Grossa; outro filho, também médico, é Eduardo Corrêa Lima, Acadêmico e Presidente da Fundação Santos Lima. Humanista e um homem de bem, o Dr. Santos Lima faleceu em 1974, sendo patrono da cadeira nº 11 da Academia.

Em 1907 estava implantada a Associação de Socorros Mútuos do pessoal da EFSPRG, que transformou-se em Associação 26 de Outubro, inaugurando 3 anos depois seu estabelecimento hospitalar.

No ano seguinte iniciava a construção do Hospital da Caridade, num esforço conjunto da comunidade sob o comando das abnegadas Damas da Caridade.

Chega outro facultativo da estrada de ferro: Dr. Cândido de Mello e Silva, formado no Rio em 1896.

Foi Capitão da Força Pública e Diretor da Higiene.

No dia 6 de agosto de 1908, no trem procedente de Porto União desembarcam no carro da 1ª classe 3 figuras com guarda-pó, ternos bem talhados, bonés de seda preta, sapatos lustrados - gente fina, bem diferentes dos usuais passageiros vindos dos pampas. Quem seriam ?

Dias depois, um anúncio no jornal "O Progresso", de consultório médico e farmácia anexa, os identifica: Dr. Francesco Burzio, médico; João Von Milasch, farmacêutico e Paulino Ferreira, enfermeiro. Chama atenção no anúncio a expressão "grates aos pobres".

O Dr. Francesco Burzio nasceu em Turim (Itália) em 1875, formando-se em 1900. Anos depois veio para o Brasil, revalidando seu diploma em Porto Alegre. Clinicou em Urussanga, Laguna, Lajes, Porto União, vindo então para Ponta Grossa.

Dono de uma personalidade marcante, cultura invejável, exímio e arrojado cirurgião, logo conquistou a cidade, inciciando-se nova e decisiva fase na área médica, passando Ponta Grossa a pontificar como centro de categoria, atraindo doentes de outros rincões em busca do bom médico.

A esta vinda auspiciosa, outra se segue, com a chegada de Dona Caetana Pierri, 1ª parteira diplomada.

Decidindo voltar à Europa, o Dr. Burzio convida para substituí-lo seu amigo e cirurgião Dr. Szymon Kossobudzki, que aqui encontrou um ambiente propício à sua atividade cirúrgica e em acordo com sua formação acadêmica. Remeto-os ao livro organizado pelo Acadêmico Dr. Iseu Affonso da Costa, no qual esta contada a vida e obra deste conceituado médico polonês.

O Dr. Burzio, voltando em 1912, resolve ficar em Curitiba no lugar do Dr. Salarolli, tendo sido

convidado a assumir uma cadeira na novel Faculdade de Medicina; mas sofre uma campanha na imprensa e Ponta Grossa, em desagravo, vai em comitiva ocupando um trem especial e o traz de volta. E ele decide ficar, montando a primeira casa de saúde, com sala de operações e câmara bacteriológica.

No dia 8 de dezembro a cidade amanhece engalanada; inaugura-se a Casa de Misericórdia, resultado dos esforços da sociedade princesina. Foi um acontecimento, com a presença do Presidente Carlos Cavalcanti e com a bênção de D. João Braga.

Mas se começava a funcionar com o saldo em caixa de irrisórios 139 mil réis, o que era uma indigência, era milionária em seu corpo clínico: Burzio, Glasser, Paula Braga e Flaviano.

A história do Dr. Burzio foi uma vida de trabalho e incontáveis episódios: em 1915 um célebre banquete em sua homenagem e a cesariana que foi praticar em Florianópolis; no ano seguinte o incêndio e destruição de sua casa de saúde; em 1917 sua participação na 1ª Guerra como capitão do exército italiano e na sua volta a reinstalação da casa de saúde, dotando-a do 1º aparelho de RX da cidade.

A fama de Burzio atingia o climax, pois o mestre do bisturi prosseguia executando intervenções arrojadas, conseguindo na ainda obscura Ponta Grossa feitos inusitados, só encontrados nos grandes nosocômios metropolitanos. Também escrevendo, colaborou na imprensa (Diário dos Campos) e teve participação importante na revolução de 30.

Aqueles que com ele conviveram estão mais bem capacitados a contar sua história: Epaminondas Holzmann, ao descrevê-lo em "O Bisturi" e o Dr. Orlando Moro, de quem Burzio foi mestre e orientador.

Do pouco que lembro desta figura impar, ficou em minha memória uma expressão que ele costumava usar: "óstia".

Ainda no começo da década, chegaram à cidade:

- Dr. Aluizio França, nascido em 1884, formado em 1912 no Rio, tendo trabalhado como pediatra, médico da Fazenda Modelo, Santa Casa e Estrada de Ferro, sendo mais tarde Professor da Universidade do Paraná; é o patrono da cadeira nº 2 da Academia.

- Dr. Antonio de Figueiredo, Dr. Barbosa Bohemen Sobrinho, Dr. Mario Chaurais, este depois professor da Universidade.

Também nesta década nasceram em Ponta Grossa 3 pessoas que foram posteriormente figuras proeminentes da medicina paranaense:

Brasílio Vicente de Castro, cirurgião e professor de Anatomia, patrono da cadeira nº 8 da Academia;

Antenor da Silva Pupo, professor de Microbiologia, cientista e humanista;

Luiz de Campos Mello, sanitarista e responsável pela reforma e modernização dos Serviços de Saúde do Estado em 1938.

O Dr. Joaquim Antonio Loyola chegou em 1918; nascido em Antonina em 1888 e formado no Rio em 1911, trabalhou na Santa Casa e 26 de outubro durante muitos anos, tendo sido Delegado de Higiene.

A epidemia de gripe espanhola atingiu também Ponta Grossa, porém sem um índice muito elevado de mortalidade, graças ao devotamento dos médicos.

Setembro de 1923 assinala o centenário da cidade, já próspera e um promissor futuro, dotada de muitos benefícios e sede de um movimentado entroncamento ferroviário.

O Dr. Alvaro Faria Rocha, lapeano, nasceu em 1889, formou-se no Rio em 1920, vindo para cá 5 anos depois, onde ganhou a confiança de vasta clientela.

Em 1927 foi inaugurado um pavilhão da Santa Casa com o nome do Dr. Burzio, justa homenagem a quem nela labutava diuturnamente. No final da década estavam na cidade os médicos:

Dr. Cyro Vellozo
Dr. Felix Vianna
Dr. Carlos de Azevedo Macedo
Dr. Epaminondas Novaes Ribas
Dr. Waldemar Bocchi
Dr. Raul Godinho
Dr. José Pinto Rosas
Dr. Augusto Ribas

a eles vindo juntar-se o Dr. Haroldo Beltrão, nascido em 1904 e formado no Rio em 1929. Este fato proporcionou-me a honra de ter Ponta Grossa como terra natal e a oportunidade de tentar agora estruturar sua memória médica. Meu Pai exerceu a pediatria aqui por 10 anos, indo para Curitiba dirigir o Hospital de Crianças. É patrono da cadeira nº 20 da Academia.

Explode a revolução e as tropas vindas do sul passam obrigatoriamente por aqui. Damas da sociedade se aglutinam em torno da Cruz Vermelha, instalando enfermarias de emergências, confeccionando roupas e estocando gêneros alimentícios. Getúlio Vargas recebe aqui a notícia da vitória, sendo homenageado com um almoço na casa do comandante da praça. No registro fotográfico, as presenças do Dr. Burzio e do filho do anfitrião, em pé atrás dele, hoje Acadêmico e Professor Rui Noronha Miranda. (Foto 1)

A década de 30 foi repleta de acontecimentos: vítima de febre tifóide, morre o enfermeiro Paulino, fiel companheiro do Dr. Burzio, ambos reverenciados com seus nomes em ruas da cidade.

A classe médica aumentando, surge naturalmente a necessidade de uma Associação para reuniões, debates e conagração; assim, é fundada a Sociedade Médica Pontagrossense em agosto de 1931, sendo Presidente o Dr. José de Azevedo Macedo, nascido em 1888 e formado em 1916 no Rio; foi catedrático de Anatomia da Universidade do Paraná, vindo para Ponta Grossa em 1923, tendo aqui trabalhado intensamente conquistando vasta clientela, o mesmo ocorrendo com o Dr. Cid Cordeiro Prestes.

Chegaram à cidade o Dr. Joaquim Braga de Paula Xavier e sua esposa, Dra. Yone Busse de Paula Xavier, ele nascido aqui em 1903, formando-se no Rio em 1932, mesmo ano de formatura da Dra. Yone na Universidade do Paraná. O Dr. Joaquim defendeu tese sobre "Contribuição à Cirurgia do Pterigio", tendo sido fundador e 1º Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, lecionando Geografia Humana. Foi o primeiro oftalmologista de Ponta Grossa. Filatelista, culto e dedicado ao próximo, honrou o nome digno que herdou do pai. A Dra. Yone, após o falecimento do Dr. Joaquim em 1955 veio clinicar aqui.

A cidade continua crescendo e o número de médicos acompanha: Drs. Abraão Federmann, Ceciliano Carneiro, Julio Azevedo, bem como:

- Dr. Antonio Schwansee, nascido em 1906 e formado em 1923 em Curitiba; foi Diretor Clínico da Santa Casa e do Instituto Pasteur, Delegado junto à Associação Médica e vereador. Uma rua, uma ala da Santa Casa e um posto de saúde com seu nome refletem a gratidão por seu trabalho.



Foto 1



Foto 2

- Dr. Milton Ferrario Lopes, nascido em 1908 e formado em 1933, foi o pediatra de muitos pontagrossenses, sendo hoje ainda uma lembrança viva e ativa da medicina.

- Dr. Antonio Russo, nascido em 1903 e formado em 1936, foi chefe do serviço médico da RVPSC, Diretor do Hospital 26 de outubro, fundador e professor da Faculdade de Odontologia e Farmácia.

Em 1935 o Dr. Burzio decide passar uma temporada na terra natal e convida o Dr. Agostinho Brenner para vir integrar o corpo clínico da Santa Casa. O Dr. Brenner, nascido em Imbituva em 1905, formou-se em Farmácia (1927) e Medicina (1931) na Universidade do Paraná, tendo iniciado a vida profissional no Rio Grande do Sul. Foi Diretor da Santa Casa por 10 anos, exercendo também intensa atividade industrial e comunitária, presidindo a Sociedade Médica, o Rotary Clube, o Joquei Clube e a Sociedade Caça e pesca. Um de seus filhos, pontagrossense, é o Acadêmico e Professor Sérgio Brenner, ocupante da cadeira cujo patrono é o Dr. Burzio.

Nem tudo é trabalho e num jantar comemorativo estão reunidos vários médicos, como constata-se na Foto 2.

Da esquerda à direita: Drs. Paula Xavier, Azevedo Macedo, Epaminondas Ribas, Schwansee, Pedro M. Ribas, Carlos Macedo, Cid Prestes, Augusto Ribas, Loyola, Felix Vianna, Brenner e Penteado de Almeida.

1938 vê acrescentados os seguintes profissionais:

- Dr. Orlando Malucelli Moro
- Dr. Nadir Macedo Silveira
- Dr. Carlos Dezaunet Neto
- Dr. Antonio Ramalho
- Dr. Emilio Matos Sounis
- Dr. Adam Polan Kossobudzki
- Dr. Joanino Carlos Gravina, nascido em Ponta Grossa (1914) e formado em 1938, foi Prefeito em 1945/ 1946.

Em dezembro de 38 ocorre o lamentável episódio envolvendo um médico recém formado, filho do Reitor da Universidade, e no qual houve a participação do Dr. Burzio, primeiro por telefone e depois pessoalmente, quando um trem especial veio buscá-lo.

Novos nomes passam a compor a comunidade Médica:

- Dr. Aloisio Grochoski
- Dr. Lauro Almeida Muller
- Dr. David Federmann, formado em 1946, foi fundador e cirurgião do Hospital São Lucas, Professor da Faculdade de Odontologia, vereador por duas vezes, Prefeito em 1951 e Deputado Estadual por 4 legislaturas.
- Dr. Amadeu Puppi, formado em 1942, foi vereador, Deputado Estadual durante 15 anos e Prefeito em 1975.

Para chefiar o 3º Distrito Sanitário vem para Ponta Grossa o Dr. João Xavier Vianna, formado em 1936. Professor Universitário, político, foi depois Deputado, Secretário de Estado, jornalista e está

retratado em recente publicação da Fundação Santos Lima.

A listagem médica da cidade se amplia:

- Dr. Paulo Fonseca Bittencourt
- Dr. Cyro Garcia
- Dr. André Fatuch
- Dr. Livio Feiffel Moreira
- Dr. Piragibe Araújo
- Dr. Aristeu Faria
- Dr. Bady Nasser
- Dr. Lauro Justus

Em uma pausa de trabalho, um agradável convívio reúne vários médicos cujos nomes já foram citados. (Foto 3)

Em 1941 é fundado na Santa Casa o Centro Médico Eurico Branco Ribeiro, a foto registrado seus dirigentes, da esquerda à direita. (Foto 4)

Em pé: Drs. Schwansee, Nadir, Almeida, Lopes Gravina, Sampaio, Brick.

Sentados: Drs. Moro, Brenner, Russo.

Deixa Ponta Grossa em 1942 o Dr. Burzio, aos 67 anos e 42 de profissão, mudando-se para São Paulo,

onde faleceu em 1961; por vontade expressa, foi sepultado na cidade que ele ajudou a crescer.

Em 1945 mudou-se da Palmeira para cá a figura simpática e ainda jovial aos 95 anos que é o Dr. Gabriel Bacila, formado em 1924. Além de sua intensa atividade como médico, chefiou o Distrito Sanitário durante 11 anos.

Na década de 50 relacionamos mais os seguintes médicos:

- Dr. Clyceu Carlos de Macedo
- Dr. Cleon Francisco de Macedo
- Dr. Antonio Rodrigues Teixeira
- Dr. Eugenio José Bocchi
- Dr. Mothi Domit
- Dr. Moises Lerner

e ainda os Drs. Antonio Checchia, Deonea Checchia, Mieceslau Kamp, José Martinho Palermo, Isaac Schilklaper, Olga Fachin, Eny Fachin, Dino Fecci Colli, Acelino Bueno.

Em 1951, após uma visita da diretoria da Associação Médica do Paraná, foi fundada a Regional, sob a presidência do Dr. Nadir Silveira, sendo o Dr. Orlando Moro eleito Vice-Presidente da AMP.

Na porta do Hospital 26 de outubro, a foto 5 colhida em 1954 identifica da esquerda para a direita:

linha superior: Drs. Cleyceu Macedo, Antonio Russo, Cesar Milleo, Antonio Checchia, Paulo Madureira Novaes, Julio Azevedo, Gabriel Paula Machado.

Linha inferior: Drs. Fulton Borges de Macedo, José

Pinto Rivas, David Rodríguez, other specialists, Michel Nasser.

O Dr. César Acosta Villalón, chefe do serviço médico do Hospital, Michel Nasser Del Preteito em 1963 e o Dr. Pinto Rivas, diretor do Hospital em 1963.



Foto 5

Pinto Rosas, David Federmann, Adam Kossobudzki, Michel Namur.

O Dr. Cesar Rocha Milléo, formado em 1950, foi chefe do serviço médico do antigo IAPB e vereador. Dr. Michel Namur foi Prefeito em 1959 e o Dr. Fulton Macedo ocupou o cargo em 1963.

Como era de se prever, isto é somente uma síntese, um relato parcial do que foi, e continua sendo, a história médica da Princesa dos Campos, hoje, aos 169 anos, um dos mais importantes pólos industriais do sul.

BIBLIOGRAFIA

Gonçalves,MA;Pinto,EA. Ponta Grossa - um século de vida (1823-1923). Kugler Artes Gráficas Ltda.Ponta Grossa,1983

Holzmann,E-5 Histórias Convergentes. Oficina Gráfica Papelaria Requião, Curitiba,1966.

Holzmann,GF et alli. Ponta Grossa- Edição Histórica. Requião Cia Ltda Curitiba, 1975.

Paula Machado,G.A.- Santa Casa de Misericórdia de Ponta Grossa. Cadernos Universitários nº35, Un.Est.Ponta Grossa,1987.

COMUNICAÇÕES PESSOAIS

Prof. Alfred Klass

Dr. Candido de Mello Neto

Prof^a Josefina Ribas Milléo

Sra. Lidiana Schwansee Mulinari

Dr. Nadir Macedo Silveira

Dra. Olga Fachin

Dr. Orlando Malucelli Moro

Dra. Yone Busse de Paula Xavier

A MEMÓRIA MÉDICA DE RIO NEGRO

GASTÃO PEREIRA DA CUNHA

Em 24 de dezembro de 1896 em Polónia, nasceu Gastão Pereira da Cunha.

Obteve o diploma de Doutor em Medicina, em 7 de dezembro de 1896, e logo depois trabalhou no Hospital de Santa Clara na vizinha cidade de Matos, Santa Clara.

Ficou-se na cidade de Rio Negro, enfrentando um número de dificuldades, e começou pela criação de cavalos ou em carroças.

Foi por muito tempo o único médico da cidade, atendendo doentes em diversas cidades, como Lagoa, São Paulo, Caminhos.

No dia 13 de janeiro de 1904 casou-se, em Rio Negro com a jovem Maria Lopes, de quem retrinidendo nasceram sete filhos.

A vida humana é efêmera, mas a arte é longa afirmava Hipócrates. Há no entanto, certos homens que têm vida eterna pelas suas obras e seu amor ao próximo.

Estão sempre vivas em nossa história, e resumir a vida e a obra de tão ilustres médicos como os que trabalharam em Rio Negro nem sempre é tarefa fácil.

Não é justo o esquecimento dos que, em vida trabalharam com zelo, dedicação e arte, com visão clara e integridade afetiva, sementes que desabrocham em saudades.

E os primeiros médicos de Rio Negro, cumpriram o preceito de São Vicente de Paula, fazendo-se amar pelo exemplo de sua vida.

MATHIAS PIECHNIK

A 24 de dezembro de 1866 em Druszkow Pusty, na Polônia, nascia Mathias Piechnik.

Obteve o diploma de Doutor em Medicina na Cracóvia, em 7 de dezembro de 1896, decidindo-se algum tempo depois trabalhar no longínquo Brasil. Radicou-se depois na vizinha cidade de Mafra, Santa Catarina.

Fixou-se na cidade de Rio Negro, enfrentando um sem número de dificuldades, a começar pelo transporte, apenas a cavalo ou em carroça.

Foi por muito tempo o único médico da região, atendendo doentes em numerosas cidades, como Lapa, São Mateus, Canoinhas.

No dia 13 de janeiro de 1906 casou-se, na cidade de Rio Negro com a jovem Martha Wagner, de cujo matrimônio nasceram sete filhos.

Durante a construção da Estrada de Ferro - ramal de São Francisco, em um hospital improvisado, atendia os pacientes intensamente, muitas vezes em plena madrugada, realizando também pequenas intervenções cirúrgicas.

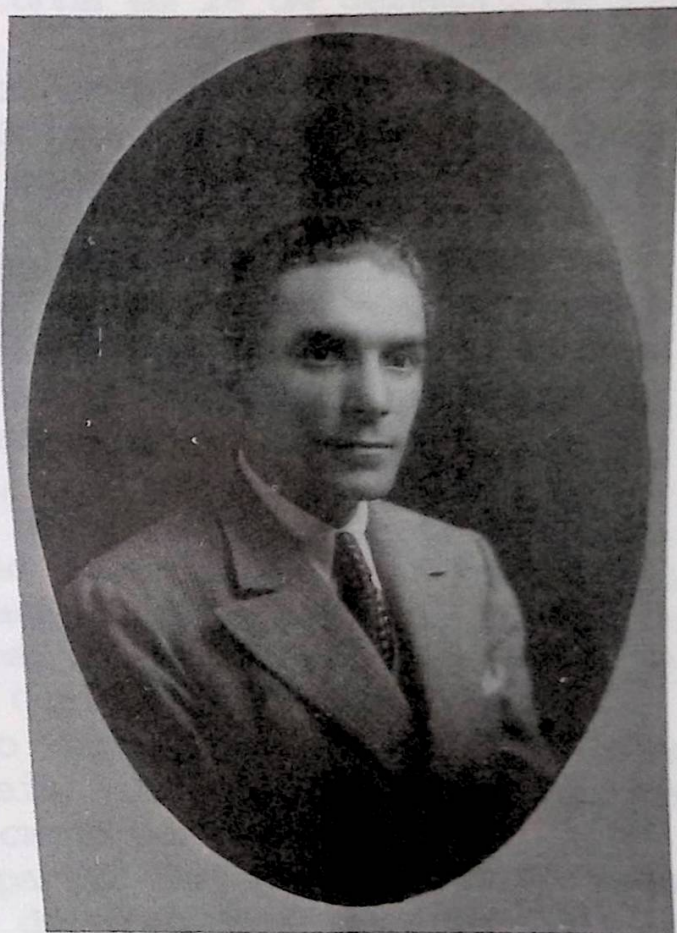
Trabalho hercúleo teve de desenvolver durante a chamada gripe espanhola, em 1918, embora já na ocasião partilhando seus encargos com o Dr. Manoel Pereira da Cunha, recém-chegado à cidade.

Faleceu a 31 de agosto de 1925, após receber assistência religiosa de Padre José, vigário de Rio Negro, seu compadre e amigo.

Dentre seus filhos, Mathias Piechnik Filho formou-se também em Medicina, vindo a atuar anos mais tarde em Rio Negro e Mafra.

MANOEL PEREIRA DA CUNHA

Nasceu a 23 de maio de 1892, no Alentejo, filho do Sr. Manoel Pereira da Cunha e D. Maria das Graças Pereira da Cunha. Casou-se com D. Maria da Cunha em 1925.



Manoel Pereira da Cunha
1892 - 1971

MANOEL PEREIRA DA CUNHA

Nasceu a 23 de maio de 1892, no Rio de Janeiro, filho do Sr. Manoel Pereira da Cunha e D. Maria Augusta Guimarães Pereira da Cunha. Casou-se com D. Anita Moura Pereira da Cunha em 28 de dezembro de 1918, tendo tido dois filhos.

Já aos onze anos órfão da mãe e logo depois do pai, filho único, foi acolhido pelo padrinho, que lhe conseguiu o curso ginasial sem ônus no afamado Colégio São Bento.

Matriculado na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, em 1911, concluiu o curso a 16 de dezembro de 1916.

A 21 abril de 1917 foi nomeado médico do Núcleo Colonial Barão do Rio Branco, do Ministério da Agricultura, próximo a Joinville, Santa Catarina, do qual veio a ser Diretor, além da atividade médica.

Desde dezembro de 1917 transferiu-se para Rio Negro, Paraná, após a saída da cidade do Dr. Eduardo Wirmond Lima. Alí clinicou até julho de 1932, quando se mudou para Curitiba.

Logo nomeado Delegado de Higiene pelo Dr. Trajano Reis, Diretor da Saúde Pública do Paraná, exerceu o cargo por dez anos.

A partir de abril de 1918, preocupado com a carência de recursos assistenciais à população, idealizou a construção de um hospital, para o que contou com contínuo apoio do poder público e dos municípios. O Hospital Bom Jesus foi inaugurado a 6 de agosto de 1924, recebendo anteriormente várias ampliações e novos equipamentos e servindo até hoje a toda região.

A Congregação da Faculdade de Medicina a 17 de novembro de 1920 o admitiu como "Lente da sexta secção

do curso de Medicina e Cirurgia (Terapêutica e Farmacologia)", cargo que não ocupou por haver permanecido em Rio Negro.

Durante os quinze anos que permaneceu na cidade, dedicou-se exclusivamente à profissão, enfrentando a falta de recursos técnicos, dificuldades de transporte e tendo de atender inúmeras povoações, vilas e cidades em torno, como médico da Estrada de Ferro.

Fazia reuniões para ensinar cuidados de higiene, de puericultura, alimentação infantil, com que pode reduzir a mortalidade local.

Zelosamente instruiu D. Elisa Meiners, antiga doceira e depois sua enfermeira, nas lides do atendimento primário, tornando-se depois competente parteira. Berlinense inteligente, esforçada, estudando em tratados de obstetrícia, foi a responsável mais tarde, por centenas de nascimentos, além de milhares de injeções, curativos e primeiros socorros.

Sempre estudioso, adquiria livros e revistas, motivando em sua casa constantes reuniões de discussão de casos de atualização com os médicos que foram chegando à cidade.

Já em Curitiba, foi Sócio-Fundador da Associação Médica do Paraná, seu Vice-Presidente em 1935 e Presidente em 1943.

Participou de Comissões Examinadoras de concursos para Docência Livre de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica (candidato Carlos Cunha); de Clínica Propedêutica Médica (Murilo Ferreira) e de Clínica de Moléstias Infecciosas e Tropicais (Heitor Medina).

Completo jubileu de ouro na profissão em dezembro de 1966, quando recebeu placa de prata comemorativa da Associação Médica do Paraná.

Elaborou os trabalhos :

- 1 - Alterações polineuríticas em dois casos de diabete, Sessão da Associação Médica do Paraná, novembro de 1933.
- 2 - Miguel Couto, Necrológio - Assembléia Legislativa, janeiro de 1934.
- 3 - Tuberculose - Conceito Atual - Aula Inaugural do Curso de Medicina em 1936.
- 4 - Alimentação em nosso meio - palestra pela Rádio Clube Paranaense, em outubro de 1936, a pedido da Diretoria da Saúde Pública.
- 5 - Diagnóstico do Câncer - para a Liga Paranaense contra o câncer, em setembro de 1949.

Atualizado sempre com o progresso da Medicina, trabalhou até poucos dias antes de seu falecimento, ocorrido a 8 de novembro de 1971.

OVANDE FERREIRA DO AMARAL E SILVA

Filho de Rio Negro, casado em Rio Negro e com filhos nascidos em Rio Negro, Ovan de do Amaral nasceu a 3 de julho de 1900 e faleceu prematuramente aos 49 anos.

Oriundo de uma das famílias tradicionais do Paraná, filho primogênito de Joaquim Ferreira do Amaral e Elvira dos Santos Amaral, fez curso preparatório em Curitiba. Em 1917, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, porém, por esta não estar federalizada, transferiu-se em 1918 para a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (praia Vermelha) onde se formou. Lá recebeu o grau de Doutor em Medicina em 30 de dezembro de 1923 defendendo tese com distinção sobre: "Estudo Clínico do Rhythmo de Galope".

Como profissional da medicina, pertencia a estirpe dos que são verdadeiramente amados por seu povo, pela sua bondade e dedicação.

Logo após sua formatura foi clinicar em Rio Negro apesar de inúmeros convites para permanecer no Rio de Janeiro.

Em 1929, fez parte do Comitê da Aliança Liberal de Rio Negro, Mafra e Itaiópolis. Foi também parte integrante do movimento revolucionário de 1930.

"Na sua cidade", como a chamava, foi médico quase vitalício do dispensário anti-venéreo, chefe do serviço médico dos ferroviários catarinenses da Rede Ferroviária Federal.

Foi eleito deputado estadual em 1935, tendo tomado parte naquela Legislatura, como segundo Vice-presidente da Assembléia Consitituinte.

Voltou para casa com o golpe do governo que

dissolveu o Congresso, passando novamente a clínica, onde além de Clínica era competente Cirurgião e Parteiro. Na época, mais de 604 dos nascimentos de Rio Negro, Mafra, Piau, Itaipolis e arredores, passaram por suas mãos.

Muitos anos depois, em 1915, integrou outro

Movimento
de 2 de
democracia
Ele
União Democrática
vice-presidente

Deve
viabilizar
prestando
Negro onde
Antonina;
Trabalhadores
sede dos C
com vertes
de Rio Negro
falou ai
com 49 anos
e duas filhas

Foi
e o Pol
prezente
consternou

de sua reivindicação
nosso Estado com
por isto mortal,
paranaense e as Rio Negro
e a um Grupo Família

O texto foi elaborado por



Ovande do Amaral
1900 - 1949

dissolveu o Congresso, passando novamente a clinicar, onde além da Clínica era competente Cirurgião e Parteiro. Na época, mais de 60% dos nascimentos de Rio Negro, Mafra, Pien, Itaiópolis e arredores, passaram por suas mãos.

Muitos anos depois, em 1946, integrou outro Movimento Revolucionário e acompanhou de perto o pleito de 2 de dezembro na sua jornada gloriosa em busca da democracia.

Eleito novamente deputado estadual em 1947 pela União Democrática Nacional (UDN), ocupou a primeira vice-presidência da Assembléia.

Devemos ao seu trabalho como homem público, viabilizando verbas, obras que atravessarão os tempos prestando serviços inestimáveis : a Maternidade de Rio Negro onde foi Diretor Clínico; o Grupo Escolar Barão de Antonina; Instituto Experimental, hoje Escola dos Trabalhadores Rurais; a ponte sobre o Rio da Várzea; a sede dos Correios e Telégrafos e deixou em andamento já com verbas pré-estabelecidas o serviço de água e esgoto de Rio Negro.

Faleceu ainda como deputado no dia 27 de julho de 1949, com 49 anos, deixando viúva Leontina de Almeida Amaral e duas filhas : Mariza e Mara.

Foi esse, em síntese, Ovande do Amaral - o Homem e o Político - o vulto admirável que o Paraná prematuramente perdeu e cujo desaparecimento tanto consternou o nosso povo que nele sempre teve o defensor de suas reivindicações. Foi bom e justo servindo ao nosso Estado com amor e idealismo. Foi nobre e grande e por isto imortal. Hoje é nome de rua na capital paranaense e em Rio Negro dá nome a um Posto de Higiene e a um Grupo Escolar.

O texto foi elaborado por sua filha, médica Dra. Mara.

MANOEL XAVIER

Filho do Cel. João Antonio Xavier, político, Presidente da Câmara Municipal de Curitiba e de D. Maria da Conceição Xavier, nasceu Manoel Xavier em Curitiba, a 23 de janeiro de 1892.

Realizou seu curso primário no prestigioso Colégio de Marins Alves de Camargo, na época equiparado ao Colégio Pedro II.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, onde cursou até o 3º ano; como esta Escola Médica ainda não fosse reconhecida, transferiu-se para Porto Alegre, em cuja Faculdade de Medicina concluiu o curso em 1921.

Após formado, cumpriu o serviço militar no quartel sediado na cidade da Lapa, onde exerceu a profissão durante vários anos, nomeado também alto funcionário da Estrada de Ferro do Paraná.

Transferido, depois, ainda como funcionário da Estrada de Ferro, fixou residência em Mafra, com intensa atividade profissional nesta cidade e em Rio Negro.

A par do exercício da Medicina, seguiu carreira, com eficiente desempenho em vários cargos, sendo eleito Prefeito de Mafra em dezembro de 1926.

Cumpriu mandato até 1930, quando foi deposto pelas forças revolucionárias de Getúlio Vargas.

Aposentado, veio a falecer em Curitiba, a 26 de julho de 1957.

Era casado com D. Jandyra Muniz Xavier, de cujo matrimônio nasceram quatro filhos.



Lysandro dos Santos Lima
1906 - 1982

LYSANDRO DE PAULA SANTOS LIMA

Nasceu na cidade de Rio Negro, Paraná, a 19 de julho de 1906, filho de D. Maria Joaquina de Paula Santos Lima e Sr. Conradino Santos Lima, farmacêutico naquela cidade. Casou-se com a professora D. Lourdes Santos Lima, de cujo matrimônio nasceram quatro filhos.

Cumprido o primário no Grupo Escolar Barão de Antonina, em Rio Negro, ingressou na Faculdade de Medicina do Paraná em 1924, onde recebeu aulas de fisiologia de Nilo Cairo, que junto a Vitor Ferreira do Amaral, foi um dos fundadores de nossa Universidade. Nos três anos que aqui permaneceu conheceu os pioneiros do ensino médico entre nós, como

Otávio da Silveira, Assis Gonçalves, Coriolano Mota, Paula Soares, Pereira de Macedo, Petit Carneiro.

Em 1927 transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a velha Faculdade da Praia Vermelha. Ali, cada qual com suas peculiaridades de atuação, impressionaram-no as figuras de Miguel Couto, Augusto Paulino, Brandão Filho, Pinheiro Guimarães, Leitão da Cunha, Vieira Romeiro, Fernando Magalhães, Carlos Chagas.

A 16 de dezembro de 1929 defendeu a tese de doutoramento intitulada "Tuberculose e gangrena pulmonar", constituída a comissão examinadora por Clementino Fraga, Augusto Paulino e Irineu Malagueta. Concluiu o curso médico a 28 de dezembro do mesmo ano, em cerimônia presidida pelo então Presidente da República Washington Luiz.

Retornando à sua cidade natal a 3 de janeiro de 1930, já no dia seguinte atendeu seu primeiro cliente, aí permanecendo durante quinze anos, em atividade única no exercício da medicina.

Durante as férias, desde o primeiro ano,

desempenhava atividades progressivamente crescentes no Hospital Bom Jesus ao lado dos médicos que ali atuavam, especialmente Manoel Pereira da Cunha, amigo antigo de sua família. Durante muitos anos trabalharam juntos no Hospital e estudavam quase diariamente na casa deste, discutindo casos clínicos, dominando novas técnicas e captando gradualmente os avanços que a medicina ia alcançando.

Santos Lima levou àquele hospital novos recursos que aprendera, a começar pela classificação dos tipos sanguíneos e a transfusão de sangue. Trouxe a contribuição de novos conhecimentos e ampliou, inclusive, o âmbito de cirurgias de médio porte.

Apoiado por dedicado grupo de senhoras de Rio Negro e Mafra, construiu e fez funcionar sob moldes técnicos os mais modernos a Maternidade de Rio Negro, onde trabalhou intensamente, introduzindo nas duas cidades o hábito do parto hospitalar, com sensível redução da morbidade e mortalidade materno-infantil.

Após três lustros de intensivo labor em sua cidade natal, transferiu-se para Curitiba, instalou seu consultório, que em pouco tempo transformou-se em sede de competente atendimento a uma clínica crescente.

Convidado logo depois pelo Professor Aluísio França a atuar na cadeira de Terapêutica Clínica, iniciou com proficiência a carreira universitária, na condição de Professor Assistente. Após concurso para Livre-Docência realizado em novembro de 1950, desempenhou de 1951 a 1954 a função de Catedrático Interino de Clínica Médica na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.

Dividiu suas atividades de atendimento, de ensino e de investigação clínica entre a Universidade Federal do Paraná e o Hospital Nossa Senhora das Graças, atuando mais tarde na Cadeira de Tisiologia, a convite do Professor Ernani Bettega. Entre 1973 e 1976 foi Chefe do Corpo Clínico do Hospital de Clínicas da mesma Universidade.

Entre 1950 e 1981 participou de setenta e oito atividades arroladas em seu currículo, constantes de aulas, conferências, cursos, participação em jornadas, congressos, neste estado, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Chama a atenção a multiplicidade dos temas abordados, caracterizando sua condição ímpar de autêntico Clínico Geral, condição cada vez mais rara atualmente. Dominava o manejo do diabético com igual desenvoltura como tratava da epilepsia ou abordava setores da reumatologia, das urgências médicas, infecções, tuberculose, semiologia. Professor colaborador de Curso de Genética da UFPR, a convite de Newton Freire-Maia, participou com este de pesquisas e publicações na área. Um dos assuntos que dominou com autoridade a nível nacional foi o estudo da listeriose, especialmente após pesquisas que realizou junto com acadêmicos de medicina e técnicos de laboratório na cidade de Palmital, Paraná. Resultou daí a elaboração de diversas conferências e publicações, inclusive a participação no conceituado tratado de Ricardo Veronese.

Pelo seu viver simples, honesto e autêntico, grangeou o respeito entre os colegas e a estima de alunos, por isso havendo sido homenageado diversas vezes ao término dos cursos de medicina, inclusive escolhido como Paraninfo da turma de 1952 da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.

Nunca esmoreceu ante os desafios da vida, superou galhardamente percalços e vicissitudes, trabalhando no consultório e nas atividades docentes praticamente até seus últimos dias.

Veio a falecer a 12 de junho de 1982 cercado de justo prestígio e de merecida admiração.

MATHIAS PIECHINIK FILHO

Nascido em Rio Negro, Paraná, a 21 de novembro de 1906, era filho do médico polonês Dr. Mathias Piechinick e de D. Martha Wagner Piechinik.

Realizou os primeiros estudos em sua cidade natal, matriculando-se aos quatorze anos no Colégio Diocesano de Curitiba para a fase de ginásio. Prestou exame vestibular aos dezoito anos, quando ingressou na Faculdade de Medicina do Paraná, já no primeiro ano ficando órfão de pai.

Conclui o curso médico a 4 de dezembro de 1930, em cerimônia na qual foi o orador da turma.

Em 1931, ao tempo em que se instalou em Rio Negro para o exercício de clínica geral, contraiu núpcias com a Srt^a. Isaura Abda Bley, de tradicional família local.

Transferiu-se para o interior de São Paulo a partir de 1934, clinicando nas cidades de Agudos e Lençóis.

A partir de 1936 realizou intensivo curso de especialização em oftalmologia no conceituado Instituto Penido Burnier, de Campinas, onde se desempenhou com brilho invulgar, tendo inclusive em 1938 declinado do convite de seu Diretor para permanecer na instituição.

Instalou sua Clínica Oftalmológica, então, em Curitiba, onde se impôs logo como especialista de escol, com grande clientela, atendendo no âmbito clínico e cirúrgico.

Ampliou sua experiência no competente exame funduscópico, inclusive com pesquisas inéditas sobre o fundo de olho do recém-nato, com elaboração de uma tese a respeito, que não chegou a defender.

Inteligente, minucioso, desprendido quanto aos

bens materiais, era de temperamento introspectivo, não chegando a revelar aos familiares que mantinha por vezes, para tratamento em Curitiba, doentes necessitados.

Dominava bem o alemão e o inglês, com o que atualizava seus conhecimentos médicos nos periódicos estrangeiros.

Faleceu a 25 de setembro de 1986, deixando três filhas.

JOÃO ALFREDO SILVA

Nascido a 6 de maio de 1888 na cidade de Alagoas, hoje Marechal Deodoro, no Estado de Alagoas, foi o penúltimo filho de Francisco Manoel e Silva e Antonia Plácido e Silva.

Decidiu morar em Curitiba porque aqui já vivia sua irmã Maria José, casada com Emílio Parísio Maia.

Logo após deixar o exército, onde estava engajado quando chegou, começou a trabalhar no comércio e depois no Telégrafo Nacional, onde permaneceu até se aposentar.

Em 1915 casou-se com D. Isaura Cordeiro Cabral, de tradicional família local; tiveram quatro filhos.

Entusiasmado pelo rádio, aliou-se a Lívio Moreira e Fido Fontana para a montagem de primeira emissora do Paraná e segunda do Brasil, que seria a Rádio Clube Paranaense, cujas primeiras transmissões fizeram-se de sua própria casa.

Atuando como competente guarda-livros, fundou com Avelino Lopes a Escola Prática de Comércio Analfred, transformada depois na Escola Técnica de

Comércio de Plácido e Silva, administrada por seu irmão.

Aos 35 anos resolveu estudar Medicina, formando-se em 1931 na Universidade do Paraná.

Pelos anos de 1930 transferiu residência a Rio Negro, como Agente dos Correios e Telégrafos e exercendo também a Medicina. Afável, comunicativo, logo conseguiu grangear simpatia e constituiu significativa clientela, nos anos em que permaneceu naquela cidade.

Retornou mais tarde a Curitiba, onde fundou, com um grupo de colegas a Casa de Saúde São Vicente, sendo seu primeiro diretor. Foi também diretor do Hospital Vitor do Amaral e do Hospital da Criança.

Grande parte de sua atividade dedicou mais tarde ao Clube Atlético Paranaense, construindo inclusive seu ginásio.

Faleceu no Rio de Janeiro, onde passou a residir grande parte do ano, no dia 23 de outubro de 1966, sepultado no Cemitério São João Batista.

JOSÉ ALMEIDA CORRÊA

Filho do Sr. Antonio José Corrêa e de D.Adélia Almeida Corrêa, nasceu em Rio Negro, Paraná, no dia 11 de setembro de 1904.

Recebeu o Diploma de Médico no ano de 1931, na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

Clinicou vários anos em Rio Negro, dedicando sempre grande parte de seu expediente ao atendimento de indigentes do ambulatório.

Foi Diretor do Hospital Bom Jesus de Rio Negro, no qual atuava como clínico geral e executava intervenções cirúrgicas compatíveis com os recursos da época.

Casou-se com D. Maria Stella Stencel, tendo tido uma filha.

Por motivo de saúde aposentou-se e veio morar em Curitiba, onde faleceu ano a ano de 1986.

HENRIQUE PAULO STENCEL

Nasceu em São Mateus do Sul, Paraná, em 24 de janeiro de 1907 e faleceu em 27 de março de 1970.

Casou-se em 25 de setembro de 1937 com D. Helena Augusta Piechnik, tendo tido quatro filhos.

Concluiu o Curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Paraná em 4 de dezembro de 1933, atuando em Rio Negro a partir de 1935.

A 10 de janeiro de 1936 foi nomeado médico da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários da Rede Paraná Santa Catarina.

Delegado de Higiene do Município de Rio Negro a partir de 8 de fevereiro de 1938, exerceu o cargo de Médico Chefe do Posto de Saúde da Cidade até 1º de outubro de 1961, quando foi designado para o Serviço de Higiene Infantil da Saúde Pública em Curitiba.

Além das atividades médicas, foi político, tendo exercido os cargos de Prefeito de Rio Negro e Promotor Público da Comarca por curtos períodos.

EDGARD NICOLAU BLEY

Filho do Sr. Arnaldo Bley e de D. Elza Patchz Bley, nasceu Edgard Nicolau Bley a 7 de junho de 1914, em Rio Negro, Paraná.

Cumpriu o curso primário do Grupo Escolar Barão de Antonina, naquela cidade, matriculando-se no Ginásio Catarinense de Florianópolis em 1926 e aí permanecendo até 1929, quando foi transferido para o internato do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde estudou até 1931.

Ingressou na Faculdade de Medicina do Paraná em 1932, graduando-se a 16 de dezembro de 1937.

Casou-se 30 de dezembro de 1937 em Joinville, Santa Catarina, com a Srta. Risoleta Douat Baptista, havendo tido um filho.

Atuou naquela cidade durante 1938, nomeado médico da Rede Ferroviária Paraná - Santa Catarina, passando então a residir em Rio Negro.

Estabeleceu Consultório particular nessa cidade, dedicando-se mais à especialidade de ginecologia.

Faleceu prematuramente aos 36 anos, vítima de acidente automobilístico, em 29 de junho de 1950.

IVAN MIRA SABÓIA

Nasceu em Rio Negro, Paraná, a 14 de junho de 1918, filho do Sr. Joaquim Sabóia Sobrinho, natural da Lapa e de D. Argentina Mira Sabóia, nascida em Joinville, Santa Catarina.

Formou-se em medicina pela Universidade do Paraná em 1942.

Radicou-se em Rio Negro, onde foi diretor do Hospital Bom Jesus e do Posto de Saúde local.

Casou-se com a Srta. Alice Pereira de Moura Ferro, com quem teve quatro filhos.

Faleceu em Rio Negro, a 1º de janeiro de 1968.

Alguns outros médicos desempenharam atividade profissional na cidade de Rio Negro.

Entre eles, pela década de 1920 atuaram no âmbito da Saúde Pública Raul Godinho, transferido depois para Ponta Grossa, onde casou, clinicou, sendo mais tarde Secretário de Saúde de São Paulo.

Na mesma época permaneceu algum tempo naquela cidade seu irmão, Victor Godinho, ambos de aprimorada educação e cultura, verdadeiros cavalheiros, que grangearam simpatia e prestígio incommuns.

Concomitantemente, permaneceu por curto prazo na cidade Aloísio Leone, que se transferiu depois para a Lapa, Paraná e cuja biografia foi relatada no rol dos médicos daquela cidade.

Bem mais tarde desempenhou intensiva atividade profissional o Dr. Raul Bley, filho mais moço do Coronel Nicolau Bley Neto, líder político da região, atuando a família especialmente na cidade de Mafra.

O Dr. João Renato Souza e o Dr. Deniz Henning foram médicos atuantes, também, em Rio Negro, ambos falecidos, o primeiro radicando-se por vários anos em Minas Gerais.

ACADEMIA PARANAENSE DE MEDICINA

DIRETORIA - gestão 1991/1993

João Gualberto de Sá Scheffer	- Presidente
Gastão Pereira da Cunha	- 1º Vice-Presidente
Iseu Affonso da Costa	- 2º Vice-Presidente
Affonso Antoniuck	- 3º Vice-Presidente
Calixto Hakim Neto	- 1º Secretário
Sérgio Brenner	- 2º Secretário
Affonso Coelho	- 1º Tesoureiro
Ledo L.Martins Maciel	- 2º Tesoureiro
Lauro Grein Filho	- Orador
José Maria Munhoz da Rocha	- Bibliotecário

CONSELHO FISCAL

Amaury L. Munhoz Rocha	Laerte Justino de Oliveira
Ary de Christan	Jayme Drumond de Carvalho
Oscar Aisengart	Helio Germiniani

ACADEMIA PARANAENSE DE MEDICINA

MEMBROS TITULARES

Hamilton Lacerda Suplicy
2º Ricardo Pasquini
Ledo de Layete Martins Maciel
Pedro E. de Cerqueira Lima Neto
Affonso Coelho
Jayme Drumond de Carvalho
Atlântido Borba Côrtes
Oscar Aisengart
2º Wadir Rupollo
Plínio de Mattos Pessoa
Zacarias Alves de S. Filhom
Paulo Franco de Oliveira
Eduardo Corrêa Lima
Félix do Rêgo Almeida
Ernani Simas Alves
Reginaldo Werneck Lopes
Giocondo Villanova Artigas
João Gualberto de S. Scheffer
Sérgio Brenner
Adir Soares Mulinari
Hélio Brandão
Luiz Fernando Beltrão
Orlando de Oliveira Mello
Ruy Noronha Miranda
João Cândido F. da C. Pereira
Egas Penteado Izique
Ary de Christan
Heinz Rucker

PATRONOS

Alfredo de Assis Gonçalves
Aluizio França
Álvaro Cerqueira Lima
Anchises M. de Faria
Antenor P. dos Santos
Aramis T. Athayde
Arthur Otto Schwab
Brasílio V. de Castro
Dante Romanó
Dirceu de Conti
Eduardo Santos Lima
Eduardo V. Lima
Erasto Gaertner
Eugênio da S. Lopes
Eurico Branco Ribeiro
Eurípedes Nascimento
Francisco Burzio
Francisco Franco
Glaucio Brandeira
Haroldo Beltrão
Heraldo de O. Mello
João Bley Zornig
João Cândido Ferreira
João E. Espíndola
Joaquim de M. Barreto
João Pinto Rabelo

2º Calixto Hakim Neto
Daniel Egg
2º Ari Leon Jurkiewicz
João Átila Rocha
Acir Rachid
Dirceu Rodrigues
Miroslau Constante Baranski
2º José Maria Munhoz da Rocha
Alberto Accioly Veiga
Francisco de P. Soares Filho
Arnaldo Moura
Gastão Pereira da Cunha
Orlando Teodorico de Freitas
2º Luiz Carlos Pereira
Carlos Franco F. da Costa
Domício Pereira da Costa
2º Sérgio Fonseca Tarlé
Lauro Grein Filho
Amaury L. de Munhoz Rocha
Leônidas Mocelin
José Alvarenga Moreira
2º João Batista Marchesini
Ruy Leal
Afonso Antoniuk
Sanito Rocha
Israil Cat
Manoel Stengel Cavalcanti
Iseude S. E. Affonso da Costa
Hélio Germiniani
Laerte Justino de Oliveira

Jorge Mayer Filho

José L. Fernandes
José P. de Macedo
Júlio Estrela Moreira
Júlio Wzimanski

Leocádio Corrêa
Leônidas Ferreira
Manoel P. dos S. Lima
Manoel P. da Cunha
Maria Falce de Macedo

Mário de Barros
Miguel Isaackson

Milton E. Carneiro
Milton de M. Munhoz
Murilo Ferreira
Napoleão L. Teixeira

Nilo Cairo da Silva
Octávio A. Silveira
Petit Carneiro
Raul Carneiro
Reinaldo Machado
Simão Kossobudzki
Trajano Reis
Victor F.A. e Silva

ACADEMIA PARANAENSE DE MEDICINA

MEMBROS HONORÁRIOS

Álvaro Pinto
Astinphilo de Loyola
Carlos Cunha
Carlos Heller
Carlos Estrella Moreira
Celso Ferreira
Cesar Pernetá
Egon Krieger
Emílio Leão de Mattos Sounis
Francisco Claudio Prince Cunha
Francisco de Paula Soares
Heitor Borges de Macedo
Homero de Mello Braga
Irineu Antunes
João Ernani Bettega
João Vieira de Alencar
João Xavier Viana
Mário Braga de Abreu
Rosala Garzuze
Rubens Lacerda Manna
Vitor Ferreira do Amaral Filho

FUNDAÇÃO SANTOS LIMA

Instituidores:

- Diretoria: Eduardo Corrêa Lima
José Maurício Holtz
Murillo Gonçalves Coimbra
Manoel Pedro Pereira Lima
Rachel Pereira Lima

Conselho Fiscal:

Carlos Alberto Faraco (Licenciado)
Edson Fischer da Silva
Antonio Carlos Santos Lima
Ayssor Jamur
José Antonio Santos Rosa
Di Marco Pozzo

- Lourdes Maria Santos Lima
Zeny dos Santos Carrano Almeida